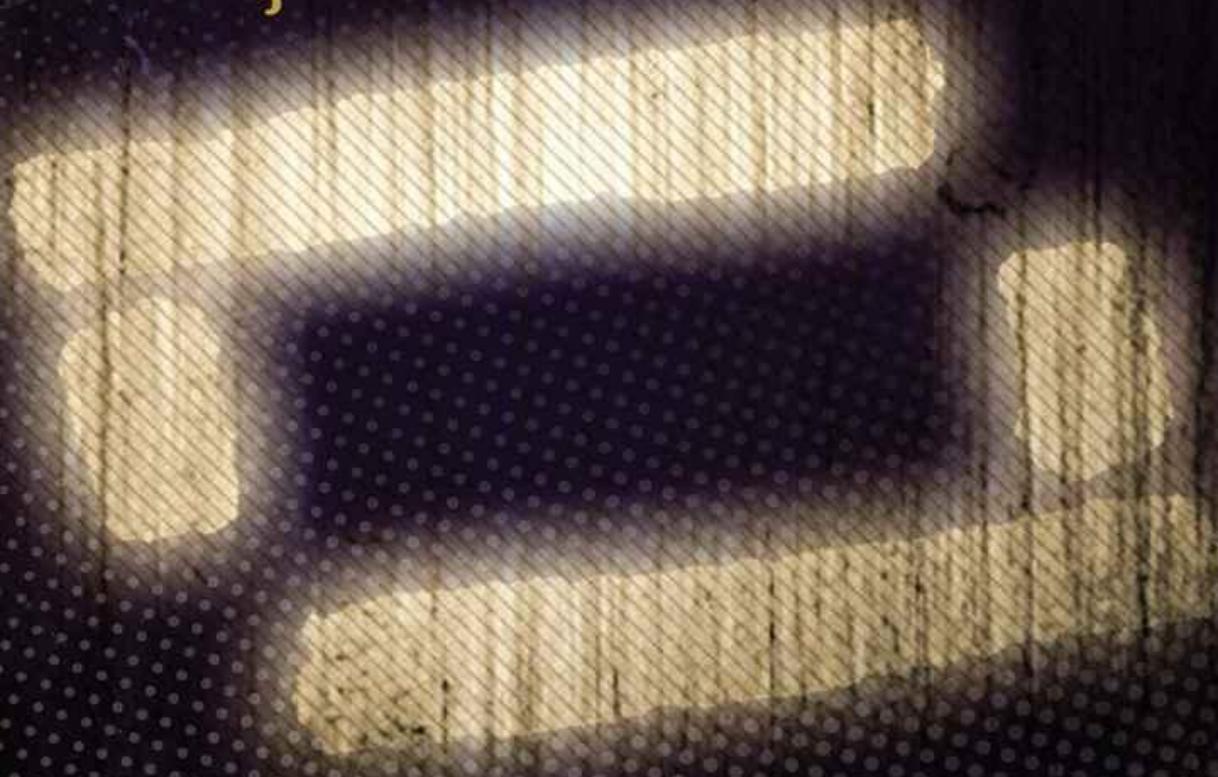


OS ARQUIVOS PERDIDOS

A TRAIÇÃO DO NÚMERO CINCO



PITTACUS LORE

AUTOR DO BEST-SELLER EU SOU O NÚMERO QUATRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PITTACUS LORE

OS ARQUIVOS PERDIDOS:
A TRAIÇÃO DO NÚMERO CINCO

OS LEGADOS  DE LORIEN

TRADUÇÃO DE FLORA PINHEIRO



Copyright © 2014 by Pittacus Lore
Todos os direitos reservados a Full Fathom Five, LLC.

TÍTULO ORIGINAL
The Lost Files: Five's Betrayal

TRADUÇÃO
Flora Pinheiro

PREPARAÇÃO
Luísa Ulhoa

REVISÃO
Bruna Cezario
Carolina Rodrigues

CAPA
Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-615-3

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br





Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Sobre o autor

Conheça os livros da série

Títulos relacionados

CAPÍTULO UM

Era uma vez um lugar lindo, exuberante, cheio de vida e recursos naturais. Algumas pessoas viviam lá havia muito tempo, mas chegaram outras que queriam ou precisavam da terra e de tudo o que ela possuía. Então a tomaram para si.

Não há nada de novo nessa história. Basta abrir qualquer livro de história da Terra — ou provavelmente de qualquer outro planeta — para encontrar outra versão desse enredo se repetindo vezes e vezes sem fim. Em algumas delas, o território é tomado sob o pretexto de se difundir um estilo de vida melhor. Ou pelo bem dos nativos. Em outras, os conquistadores tomam posse com base em uma razão intangível — por direito divino ou destino. Mas todas essas justificativas são falsas. No centro de cada conflito estão o poder e aqueles que o detêm. É por isso que guerras são travadas, e é por isso que se conquistam cidades, países e planetas. E embora a maioria — ainda mais os humanos — goste de fingir que o poder é apenas um bônus com qualquer que seja o *pretexto* para o conflito, poder é justamente o que todos buscam.

Esta é a parte boa dos mogadorianos: eles não perdem tempo com pretextos. Acreditam no poder. Até mesmo o idolatram. Veem nele potencial para crescer e servir à sua causa. Logo, alguém como eu, com habilidades extraordinárias, pode se tornar duas coisas para eles: um aliado valioso ou um inimigo que um dia será destruído.

Eu, pessoalmente, gosto de viver.

Os mogs não fingem que dominaram meu planeta natal, Lorien — do qual mal me lembro —, por outra razão que não o fato de que precisavam de seus recursos. É o mesmo motivo para estarem aqui

agora. Um planeta do tamanho da Terra será útil para os mogs por décadas, talvez até mesmo séculos, até que eles precisem sair em busca de um novo lar. E os humanos... Bem, não é como se *eles* tivessem algo de especial. Em geral, são bem fracos e mal conseguem manter o planeta vivo nas atuais circunstâncias. Em breve haverá uma invasão em massa, e todos os problemas humanos, insignificantes como são, serão deixados de lado, porque, de repente, extraterrestres incrivelmente poderosos virão governá-los. Mostrar a eles como viver. Dar um sentido a suas vidas.

E eu serei um dos novos dirigentes. Porque os mogs viram o meu potencial. Eles me prometeram um posto de comando em seu exército, tendo a América do Norte como meu reino. Meu parque de diversões particular. E tudo o que preciso fazer é lutar ao lado deles e ajudá-los a capturar os membros restantes da Garde. Então poderei fazer os Gardes entenderem que não há como os lorienos derrotarem os mogs. Imagino que tenham crescido ouvindo as mesmas histórias que Rey, meu Câpan, me contava: que os mogs eram nossos inimigos.

Mas isso não é verdade. Ou, pelo menos, não *precisa* ser verdade. Basta nos juntarmos a eles.

Depois de passar quase a vida toda treinando e esperando, é bom finalmente ter uma missão de verdade. Ter um objetivo. Não ficar só me escondendo, esperando alguma coisa acontecer comigo. Isso até me faz *querer* treinar, estudar e progredir, pois o que estou tentando alcançar não é o conto de fadas que Rey me enfiava goela abaixo junto com o jantar na ilha, mas sim um futuro possível.

Nessas últimas semanas desde que me mudei para um complexo mog, em algum lugar no meio de West Virginia, aprendi muito sobre por que guerras são travadas e vencidas. Na verdade, passo a maior parte do meu tempo de "estudo" em uma sala de interrogatório, que foi transformada em escritório para mim, onde aprendo sobre grandes batalhas e conflitos ou leio o Grande Livro, que conta a história dos mogadorianos e de como o intelecto e as habilidades

dessa raça superaram os limites de seu planeta e acabaram forçando-os a procurar novos mundos para governar e guiar. Conta também que os lorienos se recusaram a compartilhar seus recursos e a ouvir a voz da razão, não aceitando os mogadorianos como governantes. O livro foi escrito por Setrákus Ra, o invencível líder mogadoriano, e, bem... Vamos dizer que, se eu tivesse lido isso antes, teria formado uma opinião muito mais clara sobre a guerra entre mogs e lorienos do que a que eu tinha quando estava me escondendo naquela cabana na ilha deserta. Comecei a me perguntar se as minhas lembranças felizes de quando era criança em Lorien só existiam porque eu era novo e burro demais para entender o que realmente estava acontecendo. Quer dizer, qualquer civilização que tenha como última esperança um bando de crianças em algumas naves espaciais não deve bater muito bem da cabeça, não é mesmo?

Ethan me ajudou a entender essas coisas. Ele me ajudou a perceber que tenho uma escolha nesta guerra, mesmo que os Anciões não quisessem que eu tivesse. No começo, foi estranho descobrir que o meu melhor amigo trabalhava para os mogs — e que eu estive, tecnicamente, sob cuidado deles por quase um ano sem sequer desconfiar —, mas não posso culpar Ethan por manter segredo a princípio. Meu Cêpan tinha feito uma lavagem cerebral tão forte com aquelas histórias sobre como a Garde triunfaria sobre os exércitos mogs e restauraria a antiga glória de Lorien que eu provavelmente não teria acreditado se ele tivesse contado a verdade desde o começo. Ethan é o que alguns dos comandantes mogs chamam de um raro exemplar humano, inteligente o bastante para se juntar ao lado vencedor.

Ainda assim, é muito estranho estar aqui, no subterrâneo. Tecnicamente, sou um convidado de honra de Setrákus Ra, mas ainda não provei meu valor. Os mogs têm apenas minha palavra de que agora sou leal a eles, mas palavras não têm muito peso por aqui. Os mogs acreditam em ações, em resultados. Então eu estudo

e treino, esperando pelo dia em que terei a chance de provar que sou capaz e que estou pronto para liderar em nome deles. Então eu sigo as ordens. Porque, mesmo que algum dia eu venha a me tornar inestimável para os mogs, por enquanto sou apenas um antigo inimigo vivendo sob o mesmo teto.



Estava concentrado em um livro sobre a fundação dos Estados Unidos — em particular sobre a expansão dos impérios europeus pelo país —, quando Ethan entrou em meu escritório, com aquele sorriso cheio de dentes que está sempre estampado em seu rosto.

— Boa tarde, Cinco — cumprimenta ele.

— Oi — respondo, fechando o livro.

A chegada de Ethan significa que a hora de estudar acabou. Por mais que eu esteja ansioso para comandar o Canadá e os Estados Unidos, ler sobre o ciclo infinito de guerras em que eles se meteram às vezes é bem monótono. Pelo menos as guerras serão coisa do passado quando os mogs assumirem o comando. Nenhum exército será capaz de resistir a eles.

— O que achou da leitura de hoje?

— Tinha uma guerra química bem feia acontecendo na época em que Colombo e os outros exploradores começaram a chegar. Cobertores com varíola? Isso é meio insano.

O sorriso de Ethan não diminui.

— O começo de todos os grandes impérios é manchado com um pouquinho de sangue — retruca ele. — Você não acha que valeu a pena?

Não respondo de imediato. Os olhos de Ethan se movem de maneira quase imperceptível, mas eu reparo. Ele olhou na direção do espelho do outro lado da minha mesa. É fácil entender o que ele

está querendo dizer. Estão nos observando. Aqui, no complexo mog, *sempre* tem alguém observando.

Fico um pouco tenso. Ainda não estou acostumado a ser vigiado o tempo inteiro. Mas é necessário, como explicou Ethan, para que os mogs passem a confiar em mim. A vigilância faz com que eu só queira dizer coisas que irão impressionar quem quer que esteja me observando, ou exibir minha inteligência. Estou ficando cada vez melhor em manter minha mente focada nisso.

— Com certeza — respondo.

Ethan assente, parecendo satisfeito.

— É claro que valeu a pena. Continue a ler esse livro amanhã e faça uma lista de alguns aspectos positivos das táticas dos conquistadores.

— Farei o que nosso Adorado Líder quiser — respondo, quase por reflexo.

Em meus primeiros dias aqui, ouvi isso tantas vezes que meio que acabei adotando. Eu devo dizer isso umas dez vezes por dia sem nem reparar.

— Você leu as passagens selecionadas do Grande Livro? — pergunta Ethan.

— É claro. São as melhores partes das sessões de estudo.

E isso é a mais pura verdade. Os outros livros são chatos e me fazem entender por que os adolescentes viviam reclamando dos deveres de casa nas séries de TV a que eu assistia antes de vir para o complexo mog. Mas o Grande Livro é... Bem, é maravilhoso. Além de ter uma linguagem mais simples do que a dos outros, também responde um monte de perguntas que me fiz durante a vida, como por que os mogs vieram para a Terra, se já tinham conquistado Lorien, e por que começaram a caçar os lorienos quando chegaram aqui, mesmo que sejamos tão poucos. O livro explica que os lorienos eram fracos, mas ardilosos, e os mogadorianos acreditam que deixar até mesmo um único inimigo vivo dá a ele a chance de recrutar outros e multiplicar suas forças para um contra-ataque.

O livro, ainda por cima, é bem violento e cheio de sangue, o que deixa a leitura bem mais divertida. Consigo até visualizar as histórias, como se fosse um daqueles filmes de ação a que eu adorava assistir quando ainda morava em Miami.

— E o que você aprendeu hoje? — pergunta Ethan.

— Que Setrákus Ra lutou bravamente contra nossos Anciões. Que eles tentaram enganá-lo e envenená-lo, mas nosso Adorado Líder foi valente e conseguiu vencê-los mesmo assim.

— *Nossos Anciões?* — pergunta Ethan, com uma pequena ruga de preocupação no rosto.

Eu me corrijo:

— Quer dizer, os Anciões *lorienos*. Isso me deixa ainda mais empolgado para conhecer nosso Adorado Líder.

Ainda não tive o prazer de conhecer Setrákus Ra em pessoa. Parece que alguém do alto escalão achou que não seria uma boa ideia conceder uma audiência com o futuro líder do sistema solar para alguém como eu, com superpoderes e tal, até provar minha lealdade.

Ethan sorri e tira algo do bolso. Ele joga a coisa na mesa, e ela quica algumas vezes antes de sair rolando. Paro o objeto com meu Legado de telecinesia e o faço levitar: é uma bola de aço quase do tamanho de uma bolinha de pingue-pongue.

— O que é isso? — pergunto.

— É um presente. Use seu poder nela. Veja qual é a sensação.

Faço a bola flutuar até a palma da minha mão. Com um pouco de concentração, meu corpo ganha de repente um brilho metálico. Tamborilo os dedos na mesa diante de mim, e o som de metal contra metal preenche o ar. Ethan chama isso de Externa, a habilidade de adquirir as características de qualquer material que eu toque. É minha habilidade mais recente e provavelmente a que mais precisa ser aprimorada.

Dou de ombros enquanto estalo meus dedos metálicos.

— Parece que sou feito de aço. Mas eu podia ter tocado a mesa e conseguido o mesmo efeito.

— Mas a mesa não vai estar sempre com você. De agora em diante, carregue essa bolinha para onde for. Não quero que você entre em uma batalha e só possa se transformar em areia e papel.

— Obrigado — agradeço, sorrindo.

Com certeza não é a coisa mais chamativa ou mais cara que já ganhei de Ethan ou dos mogs, mas entendo como pode ser útil. Guardo a bolinha no bolso, ao lado de uma bolinha de borracha vermelha que carrego há muito tempo, uma bugiganga de uma daquelas maquininhas de brinquedos.

Ethan joga uma folha de papel enrolada para mim. Empurro alguns livros para o lado e estendo o papel na mesa. É um mapa do Hemisfério Ocidental.

— Pra que isso? — pergunto.

— Só queria ter certeza de que essas informações estão corretas. Para manter registro e tal.

No mapa há uma grossa linha vermelha que atravessa os Estados Unidos em zigue-zague e vai até o Caribe. Há algumas datas ao lado das marcações.

— Isto é um mapa dos lugares onde morei quando criança — comento.

— Exato. Quando puder, dê uma olhada para ver se está tudo certo. Chutei algumas dessas datas com base nas histórias que você me contou.

— Mas pra que isso vai servir?

Ethan dá de ombros.

— Só para o caso de algum Garde ter encontrado seu rastro ou tentar localizá-lo. Aí saberemos onde eles podem estar procurando. Queremos colocar alguns mensageiros nesses lugares, só por precaução.

Concordo com a cabeça, olhando para o mapa. É estranho pensar em mim, jovem e indefeso, em todos aqueles lugares com

Rey. Ethan para atrás de mim e olha por cima do meu ombro.

— Onde foi mesmo que seu guardião começou a ficar bem doente?

Indico o ponto onde a linha entra na Pensilvânia.

— Em algum lugar por aqui. Não sei a localização exata. Estávamos acampando nas montanhas.

Ethan franze a testa.

— Há bons hospitais naquela região. Sabe, se seu Cêpan não tivesse forçado você a ficar escondido naquela ilha por tanto tempo, provavelmente estaria vivo — comenta ele. — É uma pena que tenha sido cego a ponto de não ver o futuro inevitável do progresso mogadoriano.

— Ele achou que o clima mais quente fosse ajudá-lo.

— Seu Cêpan provavelmente precisava era de uma dose de antibióticos. — Ethan balança a cabeça e cruza os braços. — Fico feliz por você ter conseguido sair daquela ilha antes de ficar maluco e começar a falar com os porcos. Ainda não consigo entender por que ele iria querer que alguém tão poderoso e inteligente como você criasse aqueles animais imundos.

Dou uma risadinha. Nas últimas semanas, contei a Ethan tudo o que lembro sobre minha vida. Cada detalhe sobre a pequena cabana, os porcos e como aprendi a usar a telecinesia sozinho. Ele e os outros mogs pareceram bastante impressionados com essa parte. Como me transformei em algo melhor, apesar de tudo conspirar contra mim.

Quando olho para Miami no mapa, minha mente se enche de lembranças do tempo que passei lá antes de Ethan me acolher. Quando eu era só um moleque de rua e usava meus poderes em coisas insignificantes, como roubar carteiras, completamente alheio à autoridade da qual poderia usufruir. Havia uma garota, Emma. Minha cúmplice, que se virou contra mim quando viu do que eu era capaz. Que teve medo do que eu podia fazer, em vez de respeitar minhas habilidades. Faço uma careta diante da lembrança, e meu

estômago se revira um pouco, já que fazia tempo que não pensava nela. Houve um tempo em que Emma era minha única amiga no mundo, mas ela também estava só me usando, não é? Eu é que tinha talento de verdade. Ela só estava na minha aba.

Ouçõ alguém batendo à porta, e um mog entra. Um dos mensageiros e servos nascidos artificialmente do complexo. Eu me endireito na cadeira. É instintivo. Estou aqui há algumas semanas, mas ainda não me acostumei a ver mogs todos os dias. E mais do que isso, nunca sei o que eles vão me pedir para fazer quando aparecem na sala ou quando me procuram no quarto. Até onde sei, eles podem muito bem dizer que falhei em um teste que eu nem sabia que existia.

— Você não está respondendo ao rádio — reclama o mog para Ethan, claramente irritado.

Ethan aponta para o pequeno fone de ouvido pendurado em seu colarinho.

— É claro que não — responde ele. — Todos os seus superiores sabem que eu nunca uso o ponto quando estou com nosso convidado. — Ele me indica com um gesto. — Seria falta de educação.

— O Comandante Deltoch requer sua presença na ala de detenção — diz o mog.

Ethan assente.

— Estou indo agora mesmo.

— A sua presença e a do loriemo.

Fico tenso. O que eles querem comigo na ala de detenção?

— É assim que você se dirige a um convidado de honra nesta base? — pergunta Ethan. — Que tal "senhor"?

O mog parece ficar um pouco apreensivo, mas assente para mim.

— Senhor.

— Dispense-o — diz Ethan para mim.

— Como assim? — pergunto.

— Alguma hora você vai ter que se acostumar a dar ordens.

Olho para o mog, que está franzindo a testa. De repente, me sinto pouco à vontade. Odeio quando Ethan faz isso. Ele sempre tenta fazer todos na base me tratarem como se eu fosse um rei ou algo do tipo. E, por mais que eu vá liderá-los no futuro, ainda não provei meu potencial, e a última coisa de que preciso é despertar a animosidade deles.

— Cinco — ordena Ethan.

— Está dispensado — digo.

O mog hesita por um momento. Imagino que tenha recebido ordens de nos escoltar até o outro lado do prédio. Quase dá para ver a mente dele tentando descobrir quem é superior a quem ali, até que Ethan pigarreia e, em questão de segundos, o servo se foi.

— Ordens conflitantes, imagino — diz Ethan, como se pudesse ler meus pensamentos.

— Você acha que isso trará problemas para ele?

O rosto de Ethan fica sério.

— Você não deve se preocupar com isso. Não se esqueça de quem você é. Quando os mogs tomarem a Terra, você será um dos oficiais. Um líder. Você pode até ser novo por aqui, mas é o poderoso Número Cinco. Se for piedoso agora, eles não vão respeitá-lo quando estiver no comando.

— Preciso de um esquema para me lembrar de todas essas hierarquias.

— Só aja como se estivesse no topo da cadeia alimentar. Agora vamos — diz Ethan, indicando a porta. — Vamos ver o que o Comandante Deltoch está fazendo com os prisioneiros esta tarde.

Ele não me dá tempo para responder, apenas se vira e caminha em direção à porta. Não consigo não olhar para a parede do outro lado da mesa, onde há uma foto colada. É de um cara que parece alguns anos mais velho que eu, com longos cabelos castanhos. Ele tem um físico atlético, muito mais em forma do que já fui na vida, e um ar arrogante. Está correndo, e parece não saber que alguém o está fotografando. Ainda não o encontrei pessoalmente, mas sei que

está aqui na base também. Preso. Tentaram torturá-lo, mas não funcionou. Ele é protegido pelo encantamento, assim como eu. Protegido por um feitiço que foi lançado sobre nós quando éramos crianças, e que impede qualquer um de nos machucar até chegar o nosso número.

Ele é o Número Nove.

Os mogs querem que eu o mate. É dele o sangue que deve ser derramado para que eu avance.

Ele é minha prova de lealdade.

CAPÍTULO DOIS

Por um bom tempo, a coisa que eu mais temia era ser esquecido. Sozinho em uma ilha do Caribe. Deixado para trás enquanto os outros Gardes se reuniam sem mim. Esse tipo de pensamento não ajudou muito, pois eu também tinha medo de me aproximar demais de qualquer pessoa, receando que descobrissem meu segredo: que não sou humano. Tive uma vida bem ruim por causa de tudo isso.

Até que conheci Ethan. Até que os mogs me acolheram. Agora não tenho mais medo de ser deixado para trás. E definitivamente nunca mais me sentirei sozinho. Seria impossível, já que deve haver milhares de nós vivendo na base de West Virginia.

Este complexo deve ser a estrutura mais incrível da Terra, mesmo que sejam poucos os humanos que chegarão a entrar aqui. Fica escondido em uma montanha oca, e é tão grande e cheio de túneis que duvido que alguém já tenha percorrido todos os cantos desse lugar. Passei grande parte do meu tempo livre flutuando pelos corredores e saguões de pedra, e não vi nem um décimo de tudo.

Há muitos mogs aqui — os soldados e servos nascidos artificialmente e os nascidos naturalmente de alto escalão —, mas também alguns poucos humanos. A maioria não está aqui por vontade própria, embora Ethan seja uma exceção, assim como os homens e as mulheres de terno escuro e aparato militar com quem volta e meia cruzo nos corredores.

E também tem o outro lorião. Nove.

Sigo Ethan pelo saguão principal, flutuando alguns centímetros acima dele porque é bom praticar minhas habilidades de voo, e Ethan diz que isso lembra aos outros como sou poderoso. Não me

incomodo, já que é mais fácil que andar. Passamos por dezenas, talvez centenas, de mogs no caminho até as celas. Eles param de andar e saem do caminho quando passo, observando-me. Alguns me cumprimentam com um aceno respeitoso, sabendo que algum dia serei uma força poderosa para os mogadorianos. Outros me encaram, céticos. Posso sentir seus olhos me acompanhando quando passo voando acima deles.

A única coisa realmente incômoda na base é uma substância verde e escaldante que circula por toda a construção e se acumula na câmara principal. É uma espécie de fonte de energia, segundo Ethan, mas, se tocada, corrói a pele como ácido (ou pelo menos foi o que ouvi dizer, não sou burro o bastante para realmente testar essa teoria). O que quer que seja, cheira a enxofre e coco estragado. Quando passamos pelo salão principal, o cheiro invade meu nariz, e faço uma careta.

— Por que acha que fomos requisitados? — pergunto a Ethan.

Ele dá de ombros.

— Talvez o Comandante Deltoch pense que é hora de você ocupar seu lugar na liderança.

O Comandante Deltoch é o oficial mais graduado no comando da base. Ele se reporta diretamente ao General Sutekh, seja ele quem for, e às vezes ao próprio Adorado Líder. Deltoch também se tornou meu guardião *de fato*, a pessoa a quem Ethan se reporta e também quem eu imagino que fique do outro lado do espelho falso em meu escritório, me observando. Ele é um mog agressivo, nascido naturalmente — acabei aprendendo que isso é motivo de orgulho por aqui —, e sente um prazer extraordinário em me falar que não pareço *nada* com um soldado. Ele nunca chegou a dizer que eu talvez esteja um pouco acima do peso, mas tenho quase certeza de que é o que pensa.

Sempre fico tenso perto de Deltoch. Não consigo evitar o desejo de impressioná-lo toda vez que o vejo.

A área de detenção é o único lugar da base onde não tenho autorização para entrar. Até agora, só vi as primeiras celas. Ethan diz que é porque não querem que eu machuque o Nove por enquanto. Ainda estão tentando encontrar um jeito de forçá-lo a revelar tudo o que sabe sobre a Garde. E, além disso, como será uma morte muito importante, precisa ser parte de uma cerimônia. Já me perguntei como deve ser ficar preso aqui, como Nove. Passar o dia inteiro em uma cela de pedra fria. Parece terrível. Mas não tenho que me preocupar muito com isso. Escolhi me juntar aos mogs, servir à causa deles para me elevar. Tenho certeza de que os outros que estão aqui tiveram a mesma oportunidade. Mas a jogaram fora. E para quê? Será que esses humanos aprisionados realmente acham que sua resistência vai fazer alguma diferença a longo prazo? Que eles são alguma coisa além de um montinho de poeira no que há de ser o enorme império mogadoriano? Eu posso até já ter pensado assim, mas mudei de ideia depois de ver os recursos e a força deles com meus próprios olhos.

Passamos por fileiras e mais fileiras de celas na ala de detenção, cujas entradas são barradas por um campo de energia azul pulsante. Meus olhos examinam o interior de todas elas, tentando encontrar Nove, mas é inútil. Lá dentro estão os inimigos fracos e obstinados dos mogs. A maioria é de humanos que chegaram perto demais de entender o que estava acontecendo na Terra e se recusaram a parar de bisbilhotar, ou que desobedeceram a alguma ordem. Os traidores estão aprendendo uma importante lição sobre não contrariarem seus superiores, uma lição que não vão esquecer quando forem liberados outra vez no mundo, depois de cumprirem suas sentenças. É isso que Ethan diz que acontece com a maioria dos prisioneiros que percebe seus erros. Uns poucos são cobaias, ou ainda pessoas relacionadas à causa lórica. Ouvi dizer que há até mesmo alguns prisioneiros Acolhedores, mortais encarregados de iniciar os lorientos no estilo de vida terrestre. Nem todos foram tão espertos quanto

Ethan. É difícil pensar que ele estaria em uma daquelas celas, se não tivesse previsto a inevitável vitória mogadoriana.

Deltoch está parado no meio do corredor. Ele deve ser umas duas cabeças mais alto do que eu, com o físico de um lutador gigante enfiado em um uniforme de oficial preto e ameaçador. Sua pele é pálida, e os cabelos, de um preto lustroso e escuro como piche, estão presos em um rabo de cavalo bem apertado. Tatuagens pretas podem ser vistas entre o início do couro cabeludo e o começo do rosto, logo acima dos olhos, que mais parecem bolas de gude pretas e enormes.

— Estou muito feliz por você poder se juntar a nós — anuncia ele, em um tom de voz monótono, quando me aproximo.

Então olha para Ethan e dá um sorrisinho de desprezo. Apesar de Ethan ser meu recruta e mentor, acho que Deltoch não é muito fã de ter um humano com tanta autoridade passeando em sua base.

— Farei tudo que nosso Adorado Líder desejar de mim — respondo.

— Costumamos passar nossas tardes trabalhando para desenvolver os poderes de Cinco em prol de Mogadore — comenta Ethan, o que entendo como sendo seu jeito de perguntar por que nos chamaram.

Deltoch semicerra os olhos.

— Imagino que estavam no meio de algo muito importante, já que levaram tanto tempo para chegar.

Começo a gaguejar uma resposta, mas Ethan fala por mim.

— Ele estava lendo o Grande Livro — explica, sorrindo. — O que poderia ser mais importante do que as palavras de nosso Adorado Líder?

Deltoch sorri de um jeito que mostra todos os dentes cinza, pontiagudos como os de um tubarão. Não é bem uma expressão de felicidade.

— Vocês estão aqui porque o grande sábio Setrákus Ra está *ansioso* para que Cinco prove sua lealdade aos mogadorianos.

— Também estamos muito ansiosos para que ele assuma seu lugar de direito como membro do alto escalão das forças do Líder — começa Ethan —, mas essas coisas levam tempo. Tenho certeza de que...

— Cinco — chama Deltoch, ignorando Ethan. Ele dá um passo para o lado e aponta um dedo longo e grosso para uma das celas. — Quer conhecer o poder dos Gardes?

Ethan abre a boca para protestar, mas assinto.

— Sim, senhor.

Paro em frente ao campo de força azul e olho para a cela. Há um prisioneiro lá dentro, deitado em uma placa de pedra suja que serve como cama. Ele está sem camisa, e seus músculos brilham sob uma camada de suor. O cabelo longo e escuro está esparramado na superfície. Seus olhos estão fechados, e sua boca se move de leve, como se estivesse meditando ou fazendo algum tipo de prece.

Número Nove.

— Ele não fala quando está acordado, mas às vezes fala dormindo — explica Deltoch. — Foi assim que descobrimos o número dele.

Sinto um embrulho no estômago quando olho para Nove. Não é pena, nem qualquer sentimento de fraternidade, mas sim uma inquietação. Um tipo de medo. Quando me recrutaram, os mogs me deram uma pasta com a foto de Nove. Ele deveria ser minha vítima, a oferenda de sangue que provaria meu compromisso com o progresso mogadoriano. O único porém é que nunca matei antes. Para mim, era difícil até mesmo matar animais, quando vivia com Rey na ilha. Lá no fundo, tenho medo de que, quando chegar a hora e eu finalmente receber a ordem de tirar a vida de Nove, não seja capaz de matá-lo.

Por sorte, o encantamento, ou sei lá o quê, lançado pelos Anciões de Lorien quando éramos crianças ainda está funcionando, porque não tenho como matar Nove fora da ordem. Pelo menos, não até onde eu ou os mogs sabemos. Se existe uma forma de acabar

com o feitiço que nos protege, esse segredo provavelmente morreu com Rey ou com os próprios Anciões. Não faço ideia de como quebrá-lo.

— E então? — pergunta Deltoch. — A sede de poder já está crescendo dentro de você? Está pronto para dar o próximo passo e ser elevado ao poder como um de nós?

Sinto um nó na garganta. Eles *realmente* me trouxeram aqui para matar Nove. Engulo em seco e tento me acalmar.

Deltoch dá uma risadinha.

— Você ficou pálido, Cinco — comenta com a voz mais grave que a de costume.

Não respondo. Não consigo tirar os olhos de Nove. Outro Garde. É a primeira vez que o vejo em pessoa, em vez de na foto colada à parede de meu escritório. Ele está mais magro — um efeito colateral do que quer que estejam dando, ou não dando, para ele comer, imagino —, mas ainda tem o físico de uma estátua grega. Parece forte. Deltoch com certeza também reparou nisso, já que não perde tempo em fazer uma observação.

— Mesmo preso, ele conseguiu manter-se em excelente forma — comenta, fazendo questão de não olhar para meu físico nada atlético. — Fiquei sabendo que ele passa a maior parte do tempo acordado se exercitando na cela.

Mudo de assunto.

— Por que ele não usa os poderes para escapar?

— Ele tentou. Várias vezes. — Deltoch aponta para a barreira de luz azul pulsante. — Mas aprendemos a mantê-lo sob controle.

— Talvez ele esteja esperando a hora certa para atacar — sugiro.

Deltoch mostra os dentes.

— Acompanhe-me — diz o comandante.

Ele se vira e começa andar, e nós nos embrenhamos mais fundo na ala de detenção. Depois de um tempo, chegamos a uma espécie de cela que parece uma mistura de sala de interrogatório e laboratório. Há algumas correntes penduradas, presas ao teto, além

de macas prateadas em um canto e mesas no outro. A sala cheira a alvejante.

— Que lugar é esse? — murmuro.

— É onde muitos dos destinos de nossos prisioneiros são decididos — explica Deltoch. — Onde eles escolhem se preferem trabalhar para os mogadorianos e revelar tudo o que sabem ou passar um tempo indefinido em uma cela.

Olho para Ethan, mas os olhos dele estão fixos em Deltoch. Normalmente, Ethan sabe tudo o que acontece na base, pelo menos tudo o que diz respeito a mim, mas dessa vez parece tão confuso quanto eu sobre o motivo de estarmos aqui.

— Muitos soldados valentes sacrificaram suas vidas nesta sala quando Nove chegou, enquanto testavam a força do encantamento lórico que o protege — comenta Deltoch, passando o dedo em uma bandeja cheia de bisturis brilhantes. — Foi assim que *eles* se provaram leais ao império mogadoriano.

— E você não se importa de desperdiçar tantos soldados? — pergunto.

— Não consideramos isso um desperdício — dispara o comandante com raiva. — É a maior honra que existe, morrer pela causa mogadoriana. Além disso, ainda não entendemos o feitiço lórico completamente. Não tínhamos certeza de que era ou não possível enfraquecer o encantamento o suficiente para quebrá-lo. Era uma possibilidade que não podíamos ignorar.

— Mas vocês não conseguiram quebrá-lo? — A frase que sai da minha boca mais uma constatação do que uma pergunta.

— Não. — Deltoch franze a testa. — Por mais que tenhamos tentado. E Nove não falou uma só palavra. Ele só ria, enquanto alguns dos nossos melhores homens morriam diante dele. — Então sua expressão muda e se torna quase agradável. — Mas o Cêpan dele falou.

— O quê? — pergunta Ethan. Parece que isso também é novidade para ele.

— Essa é uma informação confidencial — retruca Deltoch, dando de ombros.

— E o Cêpan? — pergunto. — Ele também está aqui?

— Esteve — responde Deltoch. — Mas Número Nove o matou.

Fico de queixo caído.

— Ele *o quê?*

— O Cêpan era esperto. Ainda estávamos tentando negociar e dar a Nove e seu guardião uma chance de se juntar à nossa causa. O Cêpan ia falar, fazer um acordo conosco, mas, quando Nove descobriu, matou o loriemo a sangue-frio.

Deltoch pega algumas pastas de uma das mesas e as entrega para mim.

— Veja você mesmo.

Abro a primeira e sou surpreendido por um monte de fotos — na verdade, frames do vídeo de segurança de uma câmera desta mesma sala. Há duas figuras nelas. Uma parece um humano mais velho. Está pendurado no teto, de cabeça para baixo, com correntes grossas presas em seus tornozelos. Há sangue por toda parte. Nove está em pé ao lado do homem com uma adaga nas mãos.

— A culpa foi minha, na verdade — explica Deltoch. — Deixei os dois sozinhos e pensei que Nove tivesse alguma lealdade. É óbvio que estava errado. O Garde usou seus poderes para romper o campo de contenção e atacar os valentes mogs que estavam de guarda. Levou alguns minutos até conseguirmos entrar na sala, mas foi o suficiente.

Examino as imagens, e é como se estivesse vendo um filme. Assisto a Nove chegando cada vez mais perto de seu Cêpan enquanto levanta a arma. E então, por fim, crava a lâmina no peito do guardião. Nas fotos seguintes, alguns mogs aparecem e o arrastam para longe, mas já era tarde demais. Nove tenta se soltar, rangendo os dentes, e então some das imagens. A última foto é apenas do Cêpan pendurado de cabeça para baixo. Sozinho. Morto.

Penso em Rey morrendo em nossa pequena cabana na praia. É verdade que não nos dávamos muito bem a maior parte do tempo e que ele era meio louco, mas não acho que conseguiria matá-lo. Foi ele quem me criou.

Fui ensinado a pensar que os Gardes eram quase santos, que tínhamos que ser perfeitos para nosso planeta ter uma chance de voltar à vida. Que os lorienos eram um povo pacífico e naturalmente bom, enquanto os mogs eram a encarnação do mal. De repente, percebo que tudo não passava de propaganda lórica. Que os mogs e os lorienos não são tão diferentes assim, a não ser pelo fato de que os mogs não fingem ser o que não são. Ethan sempre diz que a história é subjetiva, e que a história que eu acreditava ser verdade era apenas a versão dos lorienos. Além disso, agora que conheci o poder que vem com meus Legados e sei como é bom que as pessoas reconheçam meu potencial, não consigo imaginar Lorien como aquela utopia que Rey dizia ser.

— Você me trouxe aqui para matá-lo? — pergunto.

— Ainda não — responde Deltoch. — Não até descobirmos um jeito de quebrar o encantamento. Não há como saber o que aconteceria se outro membro da Garde tentasse matá-lo, e não queremos perder nossa arma secreta: você.

— Seu bem mais valioso — comenta Ethan para o mog.

— Exatamente — concorda Deltoch. Ele mostra as fotos. — Mas, quando chegar a hora, tome cuidado. Ele é desequilibrado. Já nem pode mais ser considerado uma forma de vida inteligente. É apenas um animal. Acho que ele não pensaria duas vezes antes de matar você, se tivesse a chance.

Olho para as fotos. *Um animal*. Encaro o olhar enlouquecido de Nove enquanto ele urra, as mãos sujas do sangue de seu Cêpan. Eu não diria o contrário.

Só consigo pensar em como ele foi idiota em preferir se tornar um assassino e prisioneiro em vez de aceitar a oportunidade que recebi. Em como Nove deve ser burro.

E em como, um dia, esse animal acorrentado será minha passagem para o topo da cadeia alimentar.

CAPÍTULO TRÊS

Depois de ver Nove em ação — pelo menos por fotos —, Deltoch insiste que eu leve o restante dos arquivos com as informações que os mogs reuniram sobre ele para estudá-los a fundo. “Conheça seu inimigo”, diz ele, e cancela meu treino da tarde com Ethan enquanto volto a meu quarto, do outro lado do complexo. O lugar que reservaram para mim aqui na base mog não é tão bom quanto, digamos, a casa de praia de Ethan em Miami, mas é bem luxuoso. Se as paredes não fossem feitas de pedra polida, acho que nem daria para saber que fica quase um quilômetro montanha adentro. Tenho uma cama *king size*, uma TV *gigantesca* e um estoque de consoles e videogames dos quais nunca ouvi falar — simuladores de guerra mogadorianos, com gráficos avançados que os desenvolvedores de jogos fariam de tudo para ter. Os mogs prepararam isso tudo para mim porque Ethan lhes contou que eu passava muito do meu tempo livre jogando quando estava na Flórida. E são jogos diferentes de tudo o que já vi, uma combinação estranha de missões militares e simulações de governo. Levei um tempo para pegar o jeito, porque estava acostumado a jogos em que causar danos colaterais ou mortes de civis me fazia perder pontos. Mas estou ficando bem melhor.

Porém, como estou com os arquivos de Nove, ignoro todos os aparelhos eletrônicos e outros aparatos que ganhei dos mogs e vou direto pra cama. Espalho sobre ela os documentos e relatórios. Ethan tinha me contado que Nove levava uma vida luxuosa em Chicago, mas vejo que isso é pura especulação, apenas informações que conseguiram arrancar dele e de alguma ex-namorada, que foi

informante dos mogs por um tempo. Eles não sabem a localização exata do apartamento.

Encontro no meio dos arquivos a transcrição que os mogs prepararam para mim de um interrogatório com o Cêpan de Nove. Ele conta que Nove teve uma vida abastada. Nunca passou necessidade e era livre para fazer o que desejasse. Por um lado, não estou tão surpreso por ele ter acabado em uma prisão mogadoriana, mas, por outro, minha inveja da infância e da adolescência dele, em comparação às minhas, arde em algum lugar bem fundo no meu peito. O Cêpan chegou até a falar sobre como Nove era popular na escola, vivia cercado de garotas onde quer que fosse e era tratado como rei. Enquanto isso, eu almoçava cocos e suava quase até a morte no Caribe.

No fim do interrogatório, o Cêpan conta como os Anciões decidiram nossos números:

Não foi ao acaso. Eles receberam essa ordem por um motivo. Os Anciões escolheram os que julgaram ser os mais fortes e inteligentes, os que tinham mais potencial, e os deixaram para o fim. Os primeiros não passavam de bucha de canhão. Seus Cêpans foram instruídos a mantê-los escondidos independentemente do que isso custasse ao seu bem-estar, para que os números mais altos ficassem em segurança. Afinal, os Gardes só podiam morrer na sequência certa. Sempre me considerei sortudo por ter sido designado para o maior número. Nove quase não pensava nos outros números, a não ser de um ponto de vista tático: sempre presumimos que, caso os Gardes se reunissem para lutar, Nove comandaria o grupo.

Preciso parar de ler. Minha cabeça lateja, e, com uma onda de telecinesia, atiro os papéis para o outro lado do quarto. Com violência, abro minha Arca Lórica, que fica no criado-mudo a meu lado. Meu artefato favorito, o único que sei usar de verdade, é uma manopla com uma lâmina oculta. Uso meus poderes para enviá-la pelos ares, com a faca aparente. Ela rasga os papéis com o interrogatório do Cêpan e se crava na parede de pedra do quarto.

Começo a revirar os objetos no interior da Arca, o que costuma me ajudar a retomar o foco e me acalmar, mas não adianta. Estou transtornado demais. Então me jogo na cama e estalo os dedos, a raiva fervendo dentro de mim. Então era isso que Nove pensava da gente... de *mim*. Que eu era desprezível. Que eu era alguém a ser comandado. Bem, é mesmo uma grande ironia, Nove. Porque agora é você quem está escondido, e eu tenho todo o poder. Eu é que vou comandar todos.



Nas semanas seguintes, continuo com a rotina de estudar, treinar e aprender mais sobre a cultura mogadoriana. Sempre que vejo a foto de Nove em meu escritório fico frustrado e muito irritado, lembrando-me dos documentos, de como ele e seu Cêpan consideravam os números menores fracos. Tento canalizar esses sentimentos nos treinos, em momentos como quando Ethan me leva até uma sala vazia para exercitarmos um pouco meus Legados. Ele coloca uma caixa na mesa de metal no centro do lugar enquanto uso minha telecinesia para empurrar todas as cadeiras pelo cômodo.

— Sua habilidade de mover coisas com a mente progrediu muito, tanto em força quanto em precisão — comenta Ethan. — Eu e os líderes mogadorianos estamos muito impressionados.

— Obrigado — agradeço com um sorriso. — Estou *mesmo* muito bom em mover pedregulhos pelos túneis.

— É verdade. — Ele assente. — Então, hoje quero que você pratique a Externa. Especialmente para trabalhar a rapidez com que consegue mudar de forma e o tempo que consegue permanecer nela.

Parece fácil. Fiquei muito bom em adquirir as propriedades das coisas que toco. Enfio a mão no bolso, e meus dedos encontram a bolinha de borracha. Minha pele se estica, e meus dedos ficam mais

alongados, como os dedos que as pessoas que nunca viram um alienígena de verdade esperam que eu tenha.

— Vamos lá.

Ethan começa a tirar objetos da caixa que trouxe e a jogá-los na minha direção, quase sem me dar tempo de terminar a mudança antes de meu corpo ter que se transformar outra vez. Pego um livro de capa de couro, e minha pele fica mais grossa. Agarro uma pedra branca e lisa e viro uma estátua viva.

— Excelente — elogia Ethan. — Mas será que você consegue fazer isso enquanto voa?

Sem responder, levito e continuo a mudar conforme Ethan joga mais e mais objetos na minha direção. Continuamos por alguns minutos, e de repente começo a ficar cansado. Nunca antes tinha usado tanto meus Legados. Mas não mostro sinais de fraqueza. Penso no Cêpan de Nove, em como ele pensava que os números mais altos eram melhores do que eu, e luto contra o cansaço, cerrando os dentes e me imaginando diante de Nove, vendo-o implorar por piedade.

Ethan joga alguma coisa pequena e brilhante, que pego com minha telecinesia e faço flutuar até minha mão.

— A pedra, não o aro — diz ele, enquanto o objeto flutua no ar.

Não entendo até perceber que estou segurando um anel de diamante.

— Sem problema — respondo, tocando a pedra com a ponta do dedo mindinho.

Minha pele endurece e adquire um aspecto brilhante. As pontas de meus dedos estão completamente transparentes. Flutuo por cima da mesa de aço e passo a unha pelo tampo, gravando o número "5".

— Ah, *isso* pode ser útil — comento.

— Claro — responde Ethan. — Se quiser ser o alvo de todas as armas do campo de batalha. Sua pele está brilhante demais, seria impossível passar despercebido. Mas fique nessa forma por enquanto. Vamos ver por quanto tempo consegue mantê-la.

Balanço os braços a minha frente e admiro como a luz reflete na minha pele, fazendo toda a sala brilhar.

— Acho que conheci algumas pessoas em Miami que me cortariam em pedacinhos e me venderiam por milhões de dólares, se pudessem me ver agora.

Quanto mais me concentro enquanto toco a pedra, mais transparente meu corpo fica, e mais dura minha pele se torna. Mas dá trabalho. E, quanto mais me esforço, mais minha cabeça lateja, e começo a sentir que estou perdendo o controle do meu próprio corpo. Logo que desenvolvi a habilidade Externa, fiquei apavorado com a possibilidade de nunca mais voltar ao normal. De repente, sou tomado por esse medo, e meus batimentos cardíacos e minha respiração ficam tão acelerados que meu peito parece prestes a explodir.

— Calma, Cinco — diz Ethan.

Devo parecer assustado, porque a voz dele soa firme e baixa. Ele só fala assim quando está preocupado.

Então respiro fundo algumas vezes, fecho os olhos e deixo o anel cair enquanto meus pés tocam o chão de pedra. Eu me desligo do mundo por alguns segundos, concentrando-me apenas no meu corpo normal e no quanto quero voltar a ele. Quando abro os olhos outra vez, meus dedos estão rosados e macios. Estou de volta. Mas minha cabeça ainda está latejando.

— Ai — gemo, levando uma das mãos ao lado direito da cabeça.

— Dor de cabeça?

— É.

— Vamos arranjar uma aspirina para você — responde Ethan. — Mas, ei, você foi ótimo. Vamos focar o treinamento nisso de agora em diante.

Penso em Nove e em como Deltoch acha que eu não pareço muito um soldado.

— Estou bem — insisto. — Posso continuar.

— Não quero que você se machuque.

Ethan também deve pensar que sou fraco.

— Não sou uma *criança*, Ethan — retruco. — Sou um loriemo superpoderoso, o cara que se tornará o oficial mogadoriano no comando deste país. Se digo que consigo continuar, é porque consigo.

Ethan parece um pouco chocado. Mas antes que ele consiga responder, a porta é escancarada e o Comandante Deltoch entra. Um lampejo de irritação passa pelo rosto de Ethan enquanto ele se vira para encarar seu superior.

— Comandante — cumprimenta ele, balançando a cabeça. — A que devemos a honra?

— Precisam de você, Ethan — responde o mog. — Reporte-se à Central de Comando.

Ethan acena para mim.

— Venha, Cinco. Você devia voltar para o seu quarto e descansar um pouco.

— O loriemo fica. Tenho uma surpresa para ele.

Por um momento, Ethan e Deltoch se encaram em desafio. Deltoch deve ter ganhado, no fim das contas, já que Ethan dá de ombros, me lança uma olhadela rápida e caminha até a porta. Então vai embora, e fico sozinho com o comandante mogadoriano. Não percebo o quão acostumado estou à presença de Ethan até ele partir.

Eu me pergunto se hoje é o dia. Se eles vão me levar para matar Nove.

— Cinco — diz Deltoch, por entre aqueles dentes afiados e escuros. — Como está indo o seu treinamento?

— Está indo bem — respondo, assentindo com fervor, o que só faz minha cabeça doer mais. Mas ignoro a dor. — Posso mostrar, se quiser.

Pisco, e, durante o tempo que levo para piscar, todas as cadeiras saem voando de perto da mesa, giram pelo quarto e voltam à posição inicial. Não importa o que Deltoch quer de mim, sei que

preciso impressioná-lo. Mostrar que estou me saindo bem e que estou pronto para a próxima etapa.

Deltoch dá uma risadinha, mas não parece realmente impressionado.

— Um ótimo truque — diz. — Tenho certeza de que nossos inimigos ficarão apavorados quando virem o nosso terrível exército de cadeiras e mesas sitiando suas cidades.

— Posso mover outras coisas — respondo, me sentindo idiota. — Coisas maiores. Espadas, coisas assim.

— O que tenho em mente para você hoje é um pouquinho mais interessante. Um verdadeiro presente. Venha comigo.

Atravessamos o complexo em silêncio. Eu voou, ele caminha. Seguimos para a entrada principal, que dá para um bosque isolado do resto do mundo por uma cerca. Não me proibiram de ir lá fora, mas, por precaução, tenho que pedir permissão, usar um rastreador e cuidar de um monte de preparativos se quiser passar um dia em meio à natureza, então quase nunca passo. Além disso, gosto muito mais de praia, e é frio aqui em West Virginia. Sou acostumado a climas muito mais quentes.

A entrada do complexo é camuflada e muito bem vigiada. Soldados batem continência quando passamos, logo estamos caminhando pelo bosque, e não tenho a menor ideia de para onde vamos. Não posso sequer voar por aqui, com todos esses galhos baixos — seria preciso ficar acima das copas das árvores —, e em pouco tempo fico um pouco ofegante, tento disfarçar respirando o mais baixo possível.

— Aonde vamos? — pergunto, e nuvens de vapor escapam de minha boca no frio.

— Eu já disse, é surpresa.

Tento entender por que Deltoch se daria o trabalho de arranjar um presente para mim. Será que isso é alguma artimanha para me obrigar a fazer mais exercício, ou será que ele está me levando para o bosque para ensinar alguma nova técnica de luta mogadoriana que

precisa ser praticada ao ar livre? Será que está me levando até Nove? Enfio uma das mãos no bolso, e meus dedos apertam a bolinha de metal, por via das dúvidas.

Mas, assim que entramos em uma clareira, descubro que não é nada disso. Parada sob a luz do sol de inverno está a última pessoa que esperava ver.

Emma.

CAPÍTULO QUATRO

Demoro um tempo para perceber que Emma está mesmo ali, que não é apenas uma espécie de holograma, androide, ou algo do tipo. Mas é mesmo ela. Tenho certeza, já que hologramas não deixam pegadas na terra quando mudam o peso de uma perna para a outra, e androides não choram.

Emma parece apavorada.

Não posso culpá-la. Acho que ela *tem motivo* para estar com medo.

Ela cresceu um pouco no ano que se passou desde a última vez que a vi, quando golpeou minha cabeça com um cano de metal, na noite do roubo que deu errado — a noite em que Ethan me acolheu. Na época em que varriamos as praias como ladrõezinhos, seu cabelo preto e curto sempre ficava preso em um rabo de cavalo, mas agora está caído sobre os ombros, bagunçado, e vai até o meio das costas. Ela está usando calças de pijama cor-de-rosa e uma regata branca, o que me faz pensar que foi capturada no meio da noite. Alguém se lembrou de lhe entregar um casaco igual ao que os mogs usam, que quase a engole inteira, de tão grande.

Ela não devia estar esperando me ver, já que congela quando saio do meio das árvores e fico à vista, seu rosto se contorcendo em surpresa.

— C-Cody? — gagueja ela, os lábios trêmulos.

Não tenho certeza se ela está tremendo de frio ou por qualquer outro motivo.

Faz muito tempo desde que parei de usar aquele nome, e levo alguns momentos para entender o que ela está dizendo e perceber

que está falando comigo.

— Olá, Emma — murmuro.

Não sei o que dizer ou fazer, ou mesmo como me sentir. Por que será que a tiraram da Flórida e trouxeram até West Virginia? Meu primeiro instinto é caminhar até ela, mas algo em seu olhar me impede. Reconheço o misto de confusão e ódio. A mesma expressão que tinha em Miami, quando me chamou de aberração. Logo antes de tentar esmagar meus miolos.

Viro para olhar Deltoch, que está saindo do meio das árvores. Quando Emma o vê, se encolhe um pouco e dá alguns passos para trás. É óbvio que teve uma experiência ruim com os mogs nos últimos dias.

— Que bom, *conseguimos* encontrar a garota certa — comenta ele. — Você ficaria surpreso com a dificuldade que tivemos para encontrá-la. Depois daquela noite infeliz no armazém, ela e a maior parte da família praticamente sumiram do mapa.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Antes de estar apto a começar sua nova vida como campeão da causa mogadoriana, você precisa deixar para trás todo o seu passado.

Não digo nada. Apenas me viro para Emma e a encaro. Ela ainda parece assustada, mas seus punhos estão cerrados ao lado do corpo. Conheço-a bem o suficiente para saber que está procurando um jeito de escapar. Ela é uma guerreira. Ora, da última vez que a vi, ganhei uma concussão.

— E como é que vocês sabiam sobre ela? — pergunto.

— Os relatórios de Ethan sobre você são incrivelmente detalhados, até hoje. — Devo parecer surpreso, porque ele dá uma risada de escárnio. — Vocês dois podem até ser próximos, mas Ethan só o encontrou graças ao nosso Adorado Líder, que o guiou, ansioso para recrutá-lo. Você estaria errado em pensar, mesmo por um momento, que ganhou esse futuro de Ethan, e não do todo-

poderoso Setrákus Ra. Ethan é seu amigo porque assim lhe foi ordenado.

Sei que Ethan trabalha para os mogs, mas acho que nunca tinha pensado em como ele reporta a eles tudo a meu respeito. Pelo menos, não coisas sem valor, como com quem eu andava em Miami. Mas li os arquivos dos mogs sobre Nove, então acho que não deveria estar surpreso.

Ainda assim, me sinto um pouco traído e gostaria que Ethan estivesse aqui para me dizer que isso não é verdade. Sei que ele mentiu para mim quando nos conhecemos, mas era para meu próprio bem. Acho que presumi que ele não faria mais relatórios sobre mim, agora que estamos na base.

O pensamento me deixa bem irritado.

— No fim das contas — continua Deltoch —, Ethan é apenas humano. Essa é a maior fraqueza dele. Os humanos não têm nossa disciplina nem nosso senso de lealdade. É importante que se lembre disso. Os humanos estão aqui para nos servir, mas ele está atrapalhando o seu progresso.

— Como?

— Ele acha que você não está pronto para virar oficial.

Fico boquiaberto. Ethan não acredita em mim? Isso não pode ser verdade.

— O que ela está fazendo aqui? — pergunto, me virando para Emma.

Ainda não entendi o que está acontecendo.

— Por favor — pede Emma. — Só quero voltar pra casa. Não quero ficar aqui. Faça o que você quiser.

— Para você encerrar essa parte da sua vida e poder se concentrar completamente em seu futuro como oficial mogadoriano — responde Deltoch, sorrindo. — Ethan disse que essa garota é a única outra pessoa no mundo com quem você teve alguma espécie de amizade.

— Acho que sim — respondo, em voz baixa. Quando ele fala desse jeito, parece que eu sou um fracasso.

— Bem, e o que aconteceu?

As lembranças voltam depressa. Um bando de ladrões me prendeu em um armazém durante um trabalho para Ethan. A única saída fora usar minha telecinesia. Nunca tinha usado meus poderes em outras pessoas antes, e foi tão bom jogá-los nas paredes e prateleiras depois de ter sido espancado por eles. Mas Emma viu tudo, e um dos caras era *irmão* dela. Ela se virou contra mim na mesma hora.

— Ela me chamou de aberração — respondo, olhando para Emma na clareira. — Ela perguntou se eu estava possuído quando viu o que eu podia fazer.

— Por favor — implora Emma.

Ela não para de mexer a cabeça, olhando em todas as direções. Ela estava aqui sozinha quando chegamos, mas imagino que tenha soldados mogadorianos espalhados pelo bosque, para impedir uma fuga.

— Ela zombou das suas habilidades? — pergunta Deltoch. — Mesmo vocês sendo amigos?

— Éramos mais que amigos — respondo, dando um passo na direção dela. — Éramos parceiros.

— Os humanos vão temê-lo quando você se revelar como seu líder. Você pode usar esse medo a seu favor, transformá-lo em respeito. Alguns vão se acovardar e se esconder, enquanto outros tentarão combatê-lo, mas os espertos se curvarão a seus pés. Mas não pode hesitar. Precisa saber a hora de ser misericordioso e a hora de ser implacável.

Implacável? As palmas das minhas mãos começam a suar enquanto tento adivinhar por que Deltoch me fez vir até aqui.

— Por que trouxe ela aqui? — pergunto outra vez.

— Ela ficou assustada com apenas um gostinho de suas habilidades. Ela desafiou você. Ela o desrespeitou. Por que não

mostra a ela o que é poder *de verdade*?

Encaro Emma. Ela está tremendo, os olhos fixos em mim. A Emma que me lembro da praia — antes de tudo dar errado entre nós — era calma, confiante e minha parceira. Na época, queria que ela pensasse que eu era como ela. Mas agora a vejo como é de verdade. Apenas uma garotinha assustada que não tem ideia do que está acontecendo no mundo. Uma formiguinha tola e desprezível. Humana. Parte de mim sempre teve raiva das coisas que ela disse e do que fez comigo quando estávamos no armazém, mas não sei se ela merece sofrer por isso.

Não sei se *consigo* fazê-la sofrer, por mais patética que ela esteja.

— Não vale o esforço — digo, enquanto me viro para Deltoch e começo a andar na direção dele.

— Por favor! — grita Emma. — Só me deixe ir pra casa, não quero nada com vocês, monstros!

Monstros.

Algo se quebra dentro de mim.

Eu me viro de supetão para ela e estendo o braço direito. Emma solta um gritinho ao ser erguida do chão. Minha telecinesia envolve o corpo dela todo, apertando com força. Quando levanto a mão, ela é erguida ainda mais alto.

Levanto voo, até flutuar a alguns metros dela. Devemos estar a uns dez metros do chão. Ela me encara com os olhos arregalados. Parece estar engasgando, embora eu não esteja apertando tão forte assim. Mal posso ouvir sua respiração entrecortada enquanto a palavra *monstro* ecoa em minha cabeça.

— Se vai me chamar de monstro, posso *ser* um monstro.

Ela balança a cabeça.

— Não!

— Eu poderia esmagá-la apenas com um pensamento — sussurro, e sua expressão aterrorizada faz meu sangue correr mais rápido e minha cabeça latejar.

A parte de mim que se banquetou com a raiva e quer vingança pelo jeito que ela me deu as costas está tão satisfeita que mal posso respirar. Não é só ela, são todas as vezes que me senti fraco ou perdido, pensando que os loriens tinham esquecido de mim, me abandonado. Tudo isso corre pelas minhas veias, me dando forças.

Sei que Nove deveria ser minha primeira morte simbólica, mas talvez Deltoch tenha me trazido até aqui para ver se realmente tenho estômago. Talvez eu *devesse* apertá-la um pouco mais com meu Legado. Ou deixá-la cair no chão duro abaixo de nós.

Mas ouço outra voz na clareira, interrompendo meus pensamentos.

— Cinco — diz Ethan —, solte ela. — Ele se vira para Deltoch, falando em um sussurro irritado que é alto o suficiente para eu ouvir. — Ninguém me informou sobre isso. O que diabos está acontecendo aqui?

— Estou observando o futuro da causa mogadoriana — responde Deltoch.

— Cinco, volte para o chão.

— Você *não* está no comando aqui. — A voz de Deltoch é calma, mas estrondosa. Posso ver suas narinas se inflando um pouco. — Não fique no caminho enquanto ele prova que é capaz de tomar decisões difíceis.

— Ele não está pronto — retruca Ethan.

Deltoch me olha com um sorriso que diz "eu não disse?".

— Estou sim — grito.

— Você não sabe do que está...

— *Não* fale com ele como se tivesse ideia do que ele é capaz — interrompe Deltoch. Então acrescenta uma única palavra, como um xingamento: — Humano.

E, pela primeira vez desde que conheci Deltoch, estou do lado dele. Ethan é meu amigo, mas nunca estive em meu lugar. É ele quem me diz que preciso descansar quando sei que consigo continuar treinando, que posso me esforçar mais. É ele quem fala

para eu agir como se estivesse no topo da cadeia alimentar e depois tenta me dizer o que fazer.

Ethan olha para mim, sem fôlego.

— Quer mesmo que sua primeira morte seja essa garota inútil, quando poderia ser Nove?

Viro-me para Emma, cujo rosto está coberto de lágrimas. Ela me encara, esperando minha decisão. Posso ver a súplica em seus olhos, e, mesmo que não queira, só consigo pensar nos bons momentos que passamos juntos em Miami. Sei que ela não é a única na expectativa. Sei que Deltoch, Ethan e os mogs ao redor da clareira estão assistindo para ver como vou agir. E de repente parece que tem tanta pressão em meu cérebro que ele vai explodir, porque não sei o que devo fazer. Não posso desapontar os mogs. Não posso mostrar fraqueza. Está *na cara* que Deltoch me trouxe aqui para matar esta garota.

A não ser que haja outra maneira...

— Seu irmão ainda finge ser um gangster em Miami? — pergunto a Emma.

Ela parece confusa.

— Responda! — grito, mais de frustração com a situação do que com seu silêncio.

— S-sim — responde ela. — O restante da minha família foi embora depois do que aconteceu, mas ele ficou.

Nós dois descemos. Quando os pés dela encostam na terra, eu libero a telecinesia. Ela desaba no chão. Eu me viro de costas e ando até Deltoch e Ethan.

— O irmão dela pode ser de alguma utilidade para nós — digo a eles. — Ele não era nada quando eu estava lá, mas pode ter ganhado alguma influência, contatos que podemos explorar. Devíamos usá-la para arrancar informações dele que podem ser úteis para localizar a Garde, do mesmo jeito que usamos os recursos do FBI. Talvez não dê em nada, mas ela com certeza não tem valor para nós se estiver morta.

— Cinco... — começa Ethan.

— Li muitos livros sobre como as guerras são ganhas. Informação pode ser algo tão poderoso quanto um exército. Você deveria levá-la à ala de detenção, Ethan. Afinal de contas, ela o conhece. Você é parte do motivo pelo qual ela está aqui.

Ethan não responde, mas dá para ver a tensão em seu maxilar. Ele não está acostumado a me ver falando com ele desse jeito, mas não posso evitar. Estou cheio de adrenalina. Assumo o comando, me sinto um líder.

— Se precisar saber o que aconteceu antes de você chegar, para colocar no seu relatório — continuo, demorando-me na última palavra —, ficarei feliz em ajudar.

Ethan me encara por alguns segundos, como se estivesse tentando entender de onde isso veio. Então lança um olhar cheio de rancor para Deltoch e agarra o braço de Emma, arrastando-a pelo bosque. Ela não oferece muita resistência.

— Sábia decisão — comenta Deltoch.

— Isso foi algum tipo de teste? — pergunto.

— A vida inteira é um teste. Você, mais do que qualquer um, deveria saber.

— Eu passei? — pergunto.

Deltoch abre um sorriso largo.

— Com maestria.

CAPÍTULO CINCO

Algumas semanas se passam, e então tudo acontece muito rápido.

Os mogs descobriram que havia um Garde em um lugar chamado Paradise, em Ohio, mas acabam encontrando *dois* lá. Pelo menos, é o que dizem os sobreviventes. Não restaram muitos mogs depois que tentaram apreender os dois guerreiros loriens. Pelo que os comandantes conseguiram concluir, um deles era a Número Seis, que tinha sido capturada pelos mogs, mas escapou antes de eu chegar aqui. Quase todas as forças foram realocadas para rastrear os dois pelo país, deixando de lado assuntos menos urgentes, como minhas aulas de história.

E outra coisa impossível acontece: sou ferido.

Quatro ainda está vivo, sei disso porque não tenho uma cicatriz nova no tornozelo, mas, quando um dos soldados mogadorianos com quem estou treinando acerta meu braço com a espada, ele me corta. Sai até um pouco de sangue do ferimento, e o soldado não sofre nem um arranhão.

O encantamento lórico foi quebrado.

Estou vulnerável.

É estranho de repente ser capaz de morrer ou me ferir. Saber que não há qualquer outro número entre mim e o nada. É meio aterrador no começo, mas me lembra de que fiz a escolha certa. Não consigo imaginar como seria enfrentar o exército mogadoriano sem a proteção do encantamento. Os Gardes não têm a menor chance de sobreviver, se não forem convencidos de sua estupidez.

Ethan fica desesperado com a minha súbita mortalidade, e exige que Deltoch pare qualquer treinamento envolvendo luta. Ele diz que

não estou pronto para trabalho de campo — *é claro* que ele acha isso. Mas Deltoch concorda, pelo menos o bastante para suspender meu treinamento por um tempo. Em vez disso, tento ser útil navegando na internet em busca de qualquer coisa que possa ajudar. É assim que me deparo com um site chamado “Alienígenas Anônimos” que, embora esteja cheio de idiotices, também tem alguns artigos sobre o que aconteceu em Paradise. Os textos parecem ter sido escritos por alguém que sabe dos Gardes e dos mogs — alguém que talvez saiba para onde Seis e os outros Gardes fugiram após a batalha. Então, com um pouco de persuasão, me aproximo de alguns dos editores e colaboradores do blog. Eles me conhecem como AVIADOR.

Tem um idiota, JOLLYROGER182, que afirma que estava envolvido na batalha em Ohio. Ele hesita em falar, a princípio, mas quando invento uma história de como vi uns caras de olhos pretos e tatuagens na cabeça perseguindo um adolescente de aparência triste que fugiu voando, ele começa a me fazer um monte de perguntas, e eu falo que só vou responder quando ele me disser o que *e/e* sabe. Então ele desembucha. Diz que seu antigo colega de sala era um dos Gardes, um cara chamado John Smith. E, mais importante, o idiota ainda me conta outra coisa: John é o Número Quatro.

Quando conto as novidades para Ethan, ele diz que os mogs já devem ter posto alguém para vigiar o blog e que eu não deveria me envolver muito com os editores, para não deixar escapar sem querer alguma informação. Respondo que jamais faria isso e que sei mentir muito bem, então começamos uma discussão que termina quando vou até Deltoch e conto o que descobri por mim mesmo. Posso jurar que é a primeira vez que vejo este mog satisfeito comigo. Ele me diz para continuar o que estava fazendo, e que Setrákus Ra está muito contente com meu trabalho.

Depois disso, começo a conviver com os mogs bem mais do que com Ethan. Acho que ele está com ciúmes, embora eu só esteja me

comportando do jeito que ele sempre disse que eu deveria me comportar: como o maioral. Eu agora o vejo quando ele vem relatar como anda a busca pelos Gardes ou durante as refeições. Deltoch se torna o responsável por meu treinamento.

Seguimos o rastro de Quatro e Seis pelo país, de Ohio a Tennessee, e depois até a Flórida. De algum jeito, eles estão sempre um passo à frente, ou acabam derrotando nossos mensageiros. Mas nossa hora chega quando Quatro comete um erro estúpido. Ele volta a Paradise, e é claro que os mogs ainda estão por lá.

E agora ele está sob nossa custódia.

Eu tinha esperanças de que talvez Quatro pudesse ser razoável, mas, pelo que os mogs e JOLLYROGER182 me contaram, parece que ele é um completo idiota. Quer dizer, alguém que volta ao lugar onde os mogs o encontraram pela primeira vez não pode ser muito esperto. Fico surpreso pela marca dele não ter aparecido no meu tornozelo há muito tempo. Talvez ele ainda ouça a voz da razão. Se for o caso, talvez Setrákus Ra dê a Europa, ou a África, ou algo do tipo, para ele governar.

Mas há uma pessoa que com certeza não receberá um continente. As coisas estão ficando aceleradas aqui no complexo, inclusive a minha promoção a comandante das forças mogadorianas. O encantamento lórico foi quebrado. Não preciso me preocupar com algum feitiço estranho me machucando, caso tente fazer mal a outro Garde. O tempo de Nove está chegando ao fim, e nosso Adorado Líder, Setrákus Ra, está vindo assistir à execução. A ideia de finalmente assumir meu lugar de direito como líder acaba com quase qualquer hesitação que eu tenha a respeito de Nove. Quando a hora chegar, só terei que pensar nos arquivos que os mogs tinham sobre ele e me manter focado.

Posso sangrar agora. O que quer dizer que Nove também pode. Meu momento chegou.



Na manhã da minha ascensão, sou chamado a um dos laboratórios. Parece que houve alguma grande descoberta com a qual querem minha ajuda e, embora esteja lisonjeado, já tenho muito com o que me preocupar graças ao que acontecerá à noite, quando Nove, acorrentado, for arrastado ao Salão Principal e eu assumir meu posto como comandante das forças mogadorianas.

Não ajuda nada eles me deixarem esperando no laboratório. Fico cada vez mais entediado, então encontro um bloco e uma caneta.

Começo a desenhar.

Não tive chance de desenhar histórias ou figuras como as que eu costumava riscar na areia das praias desde que cheguei à base mogadoriana. Mas agora, no laboratório, lembro-me de como costumava gostar de fazer isso.

Desenho Nove. Ele está preso ao chão por correntes grossas que se ligam a uma coleira em seu pescoço. Sua aparência é frágil e fraca. Por outro lado, eu pareço um super-herói. Voo acima dele. Nove é tão insignificante que nem preciso sujar minhas mãos com ele. Em vez disso, mando meu monstro — uma espécie de cachorro de briga — eliminá-lo. Não existe uma criatura como esta em todo o universo (eu acho). Ele tem três cabeças de lagarto, corpo peludo e garras afiadas como navalhas. E asas. É a besta do inferno mais maneira que consigo imaginar. Todas as bocas estão arreganhadas, e saliva venenosa pinga dos dentes pontudos. Seus braços retorcidos...

— Cinco — diz alguém atrás de mim.

Eu me viro. Estava tão entretido com o desenho que nem reparei quando um dos cientistas mogs entrou. Ele veste um longo jaleco de laboratório preto e luvas de borracha. Traz em seus braços algo que reconheço. Quase pulo do banco, porque por um segundo penso

que alguém entrou no meu quarto e pegou minha Arca Lórica, mas então percebo que não é a minha. O símbolo brilhante não é o meu.

— Recuperamos esta arca de um dos loriens em Ohio — explica o cientista, colocando-a com cuidado em uma bancada. — Achamos que talvez você pudesse abri-la.

— Por que acha que eu conseguiria fazer isso? — pergunto.

O cientista dá de ombros.

— Acreditamos que ela pertença ao Número Quatro. Pensamos que talvez os números mais altos tenham acesso livre às arcas dos números inferiores.

Penso na pasta de Nove e na ideia de que ele é o mais poderoso de nós por causa de seu número, então cerro os punhos. Sei que não me saí muito bem tentando descobrir a utilidade dos objetos na minha própria arca, mas a ideia de que ele poderia mexer nas *minhas* coisas faz meu coração acelerar.

— Está bem — concordo. — Vou tentar.

Tento de tudo. Mas a arca não reage ao meu toque. Tento arrombá-la com telecinesia até ficar com dor de cabeça. Por fim, uso minha Externa para me transformar em metal e começo a bater na lateral daquela porcaria.

O cientista não fica muito feliz com essa última parte.

— Se você *concordar*, senhor — começa ele, tentando com toda a educação se colocar entre meu corpo de metal extremamente resistente e a arca —, talvez seja melhor pararmos por hoje. Manteremos a arca sob vigilância constante até depois da cerimônia de hoje à noite, o senhor pode tentar mais tarde.

Meu corpo volta ao normal.

— Claro — respondo. — Isso é tudo?

O cientista assente. Estou prestes a sair do laboratório quando ele fala outra vez:

— Senhor? Esqueceu seu desenho.

Eu me viro. Ele está segurando meu rascunho, minha história de uma página. De repente me sinto idiota por tê-la desenhado.

— Pode ficar — respondo. — Depois de hoje, não precisarei mais dessas coisas infantis.

— Hummm. — Ele encara o desenho. — Talvez isso possa servir de inspiração para meu trabalho.

Dou de ombros e vou embora.

Encontro Ethan no corredor do lado de fora. Fico um pouco surpreso por vê-lo e me pergunto há quanto tempo ele está me esperando ali.

— O que houve?

— Só estou tentando ajudar um pouco os cientistas — respondo.

— O que você está fazendo aqui?

Ele me entrega um conjunto de roupas pretas cuidadosamente dobradas.

— Queria que fosse eu a pessoa a lhe entregar isso — responde ele.

— O que é?

— Seu uniforme cerimonial. É o que você vai usar hoje à noite, quando ascender à nova posição. — Ele indica minha calça jeans e blusa com a cabeça. — De agora em diante, você deveria começar a usar um uniforme de oficial mogadoriano. Vai lembrar a todos que o virem de sua posição.

— Não precisa — respondo. — Depois de hoje à noite, todos vão me reconhecer como superior independentemente do que eu vestir.

Ethan dá um sorrisinho e assente, mas há certa tristeza em sua expressão que não consigo entender. Talvez seja apenas porque ele não está exibindo o largo sorriso de sempre.

— Queria me desculpar por toda aquela história com Emma — diz Ethan, devagar. — Sei que devia ter feito isso antes, mas as coisas acabaram acontecendo muito rápido e não tive oportunidade. Eu nunca deveria ter questionado se você estava ou não preparado. É óbvio que está.

— Obrigado — respondo.

Ele se aproxima e sussurra:

— Eles nunca deveriam ter trazido Emma até aqui.

— Bem, pelo menos ela está viva.

— Foi isso o que contaram a você? — pergunta ele, franzindo as sobrancelhas.

— Deltoch disse que ela foi enviada a outra base, em algum lugar mais perto da Flórida — respondo.

Fico preocupado. Ethan falou como se ela não estivesse de fato na Flórida. Mas *onde* mais ela estaria? Eu não devia ficar preocupado com Emma, mas estou. E se os mogs mentiram sobre ela, então...

Entretanto, Ethan sorri e me tranquiliza.

— Então tenho certeza de que é lá onde ela está. Não ouvi nada sobre o assunto.

Começamos a longa caminhada de volta aos meus aposentos no complexo, e, embora eu tentasse esquecer Emma, alguns pensamentos continuam persistindo bem no fundo da minha mente. Eu me pergunto se deveria perguntar a Deltoch sobre ela. Não, *é claro* que não posso fazer isso. Seria um sinal de fraqueza.

Entretanto, eu me esqueço dela quando entramos no salão principal cavernoso e me deparo com figuras que eu nunca havia visto antes na base. Mulheres mogadorianas, com longos vestidos em tons de vermelho e roxo-escuro. Suas cabeças e rostos são cobertos de tatuagens. A maioria tem tranças pretas brilhosas ou rabos de cavalo pendendo das cabeças raspadas. Diferente dos soldados que estou acostumado a ver, elas são mais magras, e seus movimentos lembram o das cobras, os longos braços ondulando ao lado do corpo quando andam.

Também há outros seres que nunca tinha visto. Um pequeno grupo. Mogs de aparência jovem, que, se eu tivesse que adivinhar, diria que têm mais ou menos a minha idade. Estão usando uniformes que parecem ser caros, não muito diferentes dos que os comandantes mogs usam.

— Crianças mogadorianas nascidas naturalmente — explica Ethan, notando para onde estava olhando. — E várias mulheres de famílias poderosas. Eles vieram para vê-lo assumir um lugar entre os oficiais.

Sorriso de orelha a orelha. Não consigo evitar. É incrível ter todas essas pessoas reunidas só para me ver. Para me incentivar.

Percebo que Cinco é um nome meio estranho para o mais novo líder mogadoriano. É tão... lórico. Eu me pergunto se não deveria voltar a usar um dos meus nomes antigos. Bolt. Talvez Cody? Sei que Cody não *soa* muito mogadoriano, mas por um bom tempo esse foi o meu nome. Era quem eu era quando Ethan me conheceu.

Quando viramos no corredor onde fica meu escritório, surge uma pergunta que nunca tinha me passado pela cabeça.

— Como você sabia que eu era o Número Cinco? — pergunto.

Ethan franze a testa.

— Como assim?

— Quando encontrei você no seu escritório conversando com o Comandante Deltoch, antes de descobrir o que estava acontecendo, vocês dois me chamaram de Número Cinco. Mas como vocês sabiam que esse era meu número? Apenas dois estavam mortos, e os mogs só tinham capturado Seis e Nove.

Ethan olha para mim como se aquela fosse a última pergunta que esperasse ouvir.

— Quando você chegou à casa da praia, costumava desenhar na areia o tempo todo — explica ele, naquela voz calma e controlada. — Figuras, histórias e símbolos estranhos. A maré sempre apagava tudo, mas eu conseguia ver alguns deles da casa.

É claro. Ele devia me vigiar o tempo todo.

— O único símbolo que eu conseguia entender era o número cinco.

Eu me senti idiota. Como tinha me entregado fácil. Tinha adquirido o hábito de desenhar na areia lá na ilha, ainda com Rey,

mas sempre assistia à água destruir tudo o que eu havia criado. Pensava que estava sendo tão cuidadoso, tão *esperto*.

Então eles não sabiam o meu número logo que me recrutaram.

Devo parecer triste, porque Ethan coloca uma das mãos em meu ombro.

— Está tudo bem, Cinco?

Dou de ombros.

— Acho que estava só pensando se os mogs ficaram decepcionados por eu ser um número baixo, e não, digamos, o Número Oito.

O rosto de Ethan se contrai.

— Cinco, queríamos você pelo que *você é*, independente do seu número. Vi seu potencial no momento que nos conhecemos na praia. Dava para ver o desejo por isso tudo em seus olhos.

Dou um sorrisinho.

— Obrigado, Ethan.

— Isso é por causa do Nove? Está preocupado em não estar pronto para dar o próximo passo?

Alguns soldados mogadorianos passam correndo por nós. Deve haver alguma emergência, talvez um prisioneiro que precise aprender uma lição ou um comandante de posto alto necessitando de uma comitiva.

— É claro que estou pronto.

— Cinco, ouça bem. Você precisa fazer isso. Precisa fazer tudo o que os mogs pedirem, se for para ascender até os níveis mais altos na Terra. Você não está fazendo isso apenas por si mesmo, entende? Conto com você para me deixar morar na casa da praia outra vez, quando estiver comandando a América do Norte.

— Você deveria seguir suas próprias regras — digo, com um sorrisinho. — O jeito que você discutiu com Deltoch...

— Foi idiotice.

Ele sorri como de costume, de orelha a orelha.

— Então vamos lá — digo. — Estou pronto.

Mais mogs passam correndo, e de repente os corredores estão cheios de soldados. Alguns estão gritando, mas não consigo entender o que dizem, já que o eco das paredes e do chão de pedra cria um ruído ensurdecedor.

— O que diabos está acontecendo? — grita Ethan.

Então ouço uma explosão em algum lugar na base, e, depois disso, o caos.

CAPÍTULO SEIS

No fim do túnel, chamas vêm em nossa direção. Por instinto, eu as empurro com a telecinesia, tentando impedi-las de atingirem a mim, a Ethan e aos mogs que disparam pelo corredor. Ou tive sucesso ou o fogo não ia nos alcançar mesmo, mas, de qualquer forma, saímos ilesos.

O que não pode ser dito das pessoas no corredor adjacente.

Será que houve uma rebelião dos prisioneiros? Será que a nave de nosso Adorado Líder se chocou contra a montanha? Ou será que foi apenas algum acidente terrível?

O barulho de tiros vindo de algum lugar no complexo exclui essas duas últimas possibilidades.

Estamos sendo atacados.

— Devíamos procurar abrigo — sugere Ethan. — Podemos ir mais para o fundo da montanha.

Fico parado. Minha cerimônia foi arruinada. Tudo pelo que trabalhei foi arruinado pelo que quer que esteja acontecendo no complexo.

Não vou permitir isso. É a minha chance de mostrar aos mogs do que sou capaz. Provar que sou digno de liderá-los. Que se dane a ideia de matar um único Garde — vou derrubar qualquer exército que estiver nos atacando com uma onda de telecinesia. E talvez Setrákus Ra consiga me ver em ação. Imagine, quem sabe eu consiga até mesmo lutar ao lado dele.

— Não — grito para Ethan, mais alto que os tiros, os gritos e o som das botas batendo no chão. — Vou lutar. *Você* pode ir procurar abrigo.

Ethan começa a discutir, mas, antes que ele possa falar algo, joga meu uniforme cerimonial no chão e dispara pelo corredor, colocando uma das mãos dentro do bolso direito e envolvendo a bolinha de metal. Minha pele assume um tom metálico, e minhas passadas ficam mais pesadas. Eu poderia voar, mas não quero virar um alvo flutuante para quem quer que tenha conseguido invadir a base.

Avanço alguns passos no corredor seguinte quando sou atingido por uma lufada de ar quente com um forte cheiro de queimado. É difícil ver direito com toda a fumaça e as cinzas, mas me dou conta de onde elas estão vindo. Os mogs naquele corredor devem ter sido completamente aniquilados. Quem quer que tenha atacado não está de brincadeira e claramente quer causar o máximo de dano possível.

Sigo o som dos gritos e tiros enquanto corro pelos túneis, mas minha forma metálica, e o fato de estar acostumado a voar o tempo todo, me faz avançar bem devagar. Quando chego ao enorme salão principal, é fácil ver por onde intrusos passaram; há pilhas e mais pilhas de cinzas espalhadas pelo lugar. A área está imersa em caos, os feridos gritam por socorro e as bestas monstruosas que escaparam das gaiolas atropelam os soldados mogadorianos, pegos completamente de surpresa. Paro para tentar descobrir para que lado os invasores foram, então me dou conta de que há um jeito mais fácil do que tentar seguir o rastro de destruição: dezenas de pikens estão correndo, rastejando e voando em direção a uma área do complexo, perseguindo alguma coisa. Então me junto a eles, indo depressa na direção das celas de detenção.

Celas de detenção. Será que isso é uma tentativa de resgate?

Decido testar a sorte e sigo voando até o corredor que leva às celas. Acho que ouço alguém gritar meu nome atrás de mim, mas, quando olho, vejo apenas uma massa de penas enquanto criaturas tipo pássaro passam voando por mim. Então eu continuo, e logo após uma curva no final do corredor de detenção vejo Nove, seguido

por alguém que já vira antes. Alguém que reconheço dos relatórios dos mogs sobre os incidentes em Paradise.

Número Quatro.

Os dois Gardes somem de vista, e ao longe ouço um estrondo de rochas desabando. Cerro os punhos ao lado do corpo. É claro que eles estão estragando tudo. Passei anos — *anos* — em uma ilha deserta sem sequer um oi de qualquer outro loriemo, mas quando venho para o único lugar que eles deveriam evitar, a base de seus inimigos mortais, encontro dois deles.

Parte de mim se pergunta se por acaso eles sabem que estou aqui. Se sabem o que este dia significa para mim. E se estragaram tudo de propósito, uma última piada com o coitadinho do Número Cinco, que todos pensaram que ia passar o resto de seus dias em alguma praia qualquer.

Um esquadrão de mogs está chegando ao topo das escadas à minha direita. Eles me seguem enquanto disparo pelo corredor, mas o caminho por onde Nove e Quatro desapareceram está bloqueado por um desabamento — sem dúvida provocado pelo Legado de um deles. Tento me lembrar de outros caminhos por onde os túneis se conectem e onde podemos interceptá-los. Atrás de mim, mogs vindos de todos os cantos do complexo estão se reagrupando. Ouço o que dizem enquanto tento pensar no próximo passo. Eles conseguiram capturar um dos intrusos. É um humano. Um adolescente. Os relatórios indicam que Quatro é o outro único invasor, além de Nove.

Os prisioneiros.

Eu me viro para os mogs e começo a dar ordens. Esta é a minha hora de brilhar.

— Vocês três — digo, indicando um pequeno grupo de soldados. — Encontrem outros prisioneiros que tenham fugido. O restante vem comigo. Vamos interceptar os intrusos na passagem.

Vejo a hesitação em seus rostos.

— Olhem ao redor — continuo. — Estamos sendo atacados, e sou a única pessoa perto de ter um posto de comando um dia. Se não me obedecerem agora mesmo, terão que responder ao nosso Adorado Líder por traição, quando ele chegar.

Eles assentem, concordando, de uma vez só. Vários batem continência.

Ethan se aproxima, vindo do corredor. Está sem fôlego, mas parece feliz ao ver o que estou fazendo. Quando os mogs começam a se movimentar, ele joga um comunicador para mim e aponta para o outro, em sua orelha.

— Caso a gente se separe — explica.

— Achei que você fosse procurar abrigo.

— Não. — Ele balança a cabeça. — Quero ver se todo aquele treinamento valeu a pena.

Dou um sorriso, então disparo pelo ar por cima dos soldados mogs.

— Por aqui! — grito. — Não podemos deixar esses lorientos malditos escaparem!

Alguns dos túneis por onde passamos desabaram em algumas partes, por causa do que quer que Nove e Quatro estejam fazendo, mas não tem problema. A descarga de adrenalina faz meus Legados operarem com força total. Movo blocos de pedra sem pensar duas vezes, disparando a toda velocidade pelos corredores. Os mogs fazem o possível para acompanhar meu ritmo, mas estou indo depressa demais para eles. Atravesso corredores e mais corredores, minha mente tentando desesperadamente lembrar, depois de todo o tempo que passei explorando a base, como os túneis se conectam. Até que chego a uma encruzilhada que não me lembro de existir. O tempo urge. Se quisermos impedir Quatro e Nove, preciso agir.

Mas não sei para onde ir.

Minha tropa me alcança. Divido-os em dois grupos com uma das mãos enquanto flutuo à frente deles.

— Metade vai por ali, e a outra metade me segue. O mais rápido que puderem. Eles não devem estar muito longe.

Dessa vez eles não hesitam, apenas obedecem. Ethan segue o outro grupo, batendo de novo com o dedo no fone de ouvido. Sei que vai me avisar caso encontrem alguma coisa daquele lado.

E, é claro, é o que acontece alguns minutos depois.

— Nós os avistamos. — A voz de Ethan diz em meu ouvido. — Estão a caminho de uma ponte. Vamos tentar interceptá-los.

— Merda — murmuro.

Mando os mogs que me seguiram pararem. Corremos de volta para o outro túnel. O som de armas mogs ecoa nas paredes do corredor. Estamos quase chegando à ponte quando ouço Ethan gritando em meu ouvido de um jeito que nunca tinha ouvido antes. É um grito primitivo, cheio de dor.

Voo tão rápido que penso estar prestes a ultrapassar a barreira do som. Quando saio da caverna onde fica a ponte, vejo o caos. Metade do grupo que mandei foi reduzido a cinzas. A outra metade está sem alguns membros ou ferida de alguma outra forma pela lava verde e ácida que se acumulou abaixo da ponte. Nove ou Quatro deve ter usado seus poderes para dar um jeito de transformar aquilo em arma. Sinto-me um idiota por não ter pensado nas poderosas capacidades ofensivas que a lava pode ter quando combinada a minha telecinesia.

Mas todos esses pensamentos desaparecem quando vejo Ethan. Ele está olhando para a mão direita. Ou, melhor dizendo, o lugar onde a mão direita deveria estar. Agora é apenas um coto, chamuscado e cauterizado pela gosma verde. Ele olha para mim, um dos olhos arregalado e cheio de desespero. O outro está coberto por uma camada de gosma verde fumegante. Então ele revira o olho bom, suas pernas falham, e ele começa a cair, mergulhando em direção ao lago de gosma verde e mortífera abaixo.

— Não! — grito, e, antes de perceber o que estou fazendo, voo atrás dele, mergulhando e agarrando-o um segundo antes de ele

cair no lago verde e borbulhante.

Flutuo de volta para a ponte com o corpo de Ethan em meus braços. Ele ainda está respirando, pelo menos. Talvez esteja em choque. Os mogs que eram parte do meu grupo me encaram, aguardando ordens.

— Por que estão aí parados? — grito. — Vão atrás deles!

E eles saem, atravessam a ponte e entram nos túneis atrás de Quatro e Nove. Eu devia ir junto. Mas não consigo abandonar Ethan desse jeito.

Voo com ele de volta pelos túneis de onde viemos. Vamos em direção ao saguão central, onde há uma enfermaria que já deve estar lotada de mogs feridos.

É no salão principal que o vejo. Ele é alto, deve ter uns dois metros e meio. É difícil dizer com certeza de onde estou, flutuando acima dele. Os mogs sobreviventes se afastam, fazendo reverências. Seu cabelo é preto e curto. Sua pele, pálida. Alguma coisa em seu rosto lembra uma gárgula, talvez o tom cinza da pele ou o modo como seus dentes afiados ficam emoldurados pelos lábios escuros e animais. Ele tem uma cicatriz roxa e grossa no pescoço. Três pingentes brilham em seu peito.

— Nosso Adorado Líder — sussurro.

Ele vira a cabeça, e seus olhos me encontram. Ele levanta uma das mãos. Um lampejo azul corta minha visão, e de repente estou caindo. Meus Legados não estão funcionando. Tudo o que posso fazer é segurar Ethan e tentar posicioná-lo de forma que meu corpo absorva o impacto da queda.

Ouçó minha cabeça bater no chão de pedra um segundo antes de tudo ficar escuro.

CAPÍTULO SETE

Acordo em meu quarto, ainda usando as mesmas roupas sujas do ataque. Estou sujo de sangue, mas não sei se é meu ou não. Por um segundo, acho que posso ter sonhado tudo aquilo, mas toco o galo dolorido na parte de trás da minha cabeça e sei que foi real. Olho para o relógio. É pouco depois do meio-dia, mas não tenho ideia se fiquei apagado por horas ou dias. Levo alguns minutos para organizar os pensamentos e perceber duas coisas: não sei o que aconteceu com Ethan e Setrákus Ra está aqui.

Antes mesmo de começar a entender o que se passou, um mensageiro mog entra no quarto.

— Nosso Adorado Líder vai vê-lo agora — anuncia ele.

Eu me pergunto como ele sabia que eu tinha acordado, mas é claro que deve haver câmeras em algum lugar do quarto. Os mogs estão sempre observando.

— Ethan — digo. Minha cabeça dói quando falo, e sinto uma pontada no local da pancada.

— Nosso Adorado Líder explicará tudo — responde o mog. — Mas eu não o deixaria esperando, se fosse você. Ele está na Central de Comando.

De repente me lembro de como consegui o ferimento na parte de trás da cabeça. Voo para fora da cama e continuo flutuando enquanto uso minha telecinesia para esvaziar o topo do guarda-roupa no quarto.

Bem, pelo menos tenho meus poderes de volta. Mas o que será que nosso Adorado Líder fez para causar minha queda?

Não perco mais tempo e disparo pelos corredores em direção ao lugar onde Setrákus Ra me aguarda. Estou preocupado. O que foi que aconteceu na base, exatamente? Será que Nove e Quatro conseguiram escapar? Como está Ethan?

E o que vai ser do meu posto nas forças mogadorianas?

Parte de mim espera ver um clima de luto ou depressão no complexo, por causa de todas as baixas que sofremos — centenas, no mínimo. Mas tudo parece igual, exceto pelas paredes chamuscadas e portais destruídos em alguns corredores. Pelo menos a minha parte do complexo não parece ter sofrido qualquer avaria, embora eu não tenha como saber o que se passou no restante do lugar depois que Quatro e Nove passaram arrasando tudo. Os mogs continuam seus afazeres com diligência, me cumprimentando com a cabeça ou batendo continências quando passo. Alguns estão reparando os danos sofridos no ataque, enquanto outros se ocupam de limpar as cinzas espalhadas pelo chão. Estão varrendo os mortos.

Dois soldados saem do caminho quando me aproximo da Central de Comando. Quando atravesso as portas, todos lá dentro parecem ficar imóveis por um momento. Há vários comandantes em frente a mesas com tampo digital que mostram mapas tridimensionais. Em gigantescas telas espalhadas pela sala, são exibidas notícias, filmagens de câmeras de segurança e diversos outros vídeos e imagens. Vários humanos de terno preto estão parados perto dos consoles, apontando para documentos nas telas. Estão comparando fotos de Quatro e Nove, tiradas durante suas fugas, com algumas imagens de pessoas em restaurantes e postos de gasolina.

E no centro de tudo isso está o indivíduo mais poderoso da galáxia. Setrákus Ra, nosso Adorado Líder, o líder mogadoriano que guiará seu povo à prosperidade eterna. Ele se apoia em uma bengala de ouro com um orbe negro na ponta. Sua mera presença me deixa abalado, mas há algo mais nele que me intimida. Quando ele me olha, é como se avaliasse cada uma de minhas falhas e me

julgasse antes mesmo que eu possa dizer uma palavra. Gostaria de saber qual é o veredito.

Faço uma reverência. Não sei o que mais poderia fazer.

— É uma honra, meu Adorado Líder — digo.

Ele apenas me encara. Os outros presentes ficam em silêncio enquanto todos os olhos se voltam para ele, perguntando-se qual será sua resposta.

— Deixem-nos sozinhos — diz ele com sua voz profunda, e, antes que eu me dê conta, estamos a sós na sala, o único som sendo o leve zumbido de computadores e outros equipamentos eletrônicos.

Ele indica uma grande cadeira no centro, um assento que parece reservado à pessoa no comando, enquanto caminha em direção a um dos computadores.

— Sente-se — diz.

Obedeço, porque as ordens dele são as únicas que importam. De alguma forma, consigo não fazer um milhão de perguntas enquanto o espero falar. Ele se demora analisando um monitor que exhibe a foto de Quatro.

— É uma sensação boa, não é? — pergunta ele, por fim.

— O quê?

Não sei do que ele está falando. Sinto apenas minha cabeça latejar, e minha mente está uma confusão só.

Ele se vira para mim e sorri, exibindo os dentes pontudos. Suas mãos se movem, e minha cadeira se vira aos poucos, dando uma volta completa até que o encaro outra vez.

— Sentar na cadeira do poder. Cai bem em você. Você parece à vontade nela.

Encaro-o enquanto os segundos passam, tentando absorver o que ele acabou de dizer. Nosso Adorado Líder acha que pareço à vontade no poder.

— Obrigado — consigo dizer, finalmente.

Há tantas questões em minha cabeça que nem mesmo sei o que perguntar primeiro. Como os Gardes conseguiram nos atacar? Onde

está Ethan? Como isso vai influenciar meu futuro? Então faço uma pergunta que engloba todas as outras:

— O que aconteceu?

Setrákus Ra faz uma breve pausa, permitindo-se uma pequena careta antes de começar sua explicação.

— Número Quatro — responde ele, naquela voz que parece um rugido baixo. — Parece que ele e um aliado humano conseguiram se infiltrar no complexo. Nosso melhor palpite, depois de analisar as imagens das câmeras de segurança, é que eles usaram um dos Legados para ficarem invisíveis na hora de entrar. Roubaram alguns itens que mantínhamos aqui, matando vários pikens no processo, depois assassinaram um número enorme de soldados, mensageiros e mogadorianos em treinamento enquanto abriam caminho pelo complexo até a ala de detenção. Eles mataram indiscriminadamente. Muitos de nossos convidados foram assassinados.

Engulo em seco quando penso nas mulheres elegantes e nos jovens mogs que vi passeando pelo salão principal antes de o caos começar. Eles estavam no complexo para a cerimônia. Era *por minha causa* que eles estavam aqui.

— Acredito que tenha sido quando você alcançou os Gardes, certo? Enquanto os prisioneiros escapavam?

Faço que sim com a cabeça.

— Liderei um pequeno grupo de mogs. Tentamos interceptá-los.

— E o que aconteceu?

— Os túneis estavam bloqueados, então os persegui por uma rota alternativa. Depois de um tempo, tivemos que nos dividir, e o grupo que não estava sob minha liderança os encontrou. Quando cheguei lá, a maior parte já tinha sido aniquilada.

— E? — pergunta Setrákus Ra.

— Ethan ainda estava vivo. Ele caiu. Eu o peguei e o trouxe de volta para o salão principal. Foi onde vi o senhor. E então... — Balanço a cabeça e toco a parte de trás do crânio. — Eu caí. O que aconteceu comigo? O que aconteceu com Ethan?

— Seus Legados são dádivas que podem ser tiradas de você por aqueles com o poder de fazê-lo. Bloqueei seu acesso a eles porque, em meio ao caos, não tínhamos certeza do que estava acontecendo.

— O senhor consegue anular minhas habilidades tão facilmente? — pergunto.

Isso não pode ser verdade. Perder meus poderes é um pesadelo que nunca sequer imaginei ser possível.

— É uma de minhas habilidades — responde Setrákus Ra. — Pouca coisa não o é.

Sem meus Legados, sou tão normal quanto um humano. Mesmo que não seja da Terra.

Será que os Gardes sabem disso? Será que Rey sabia? Ou isso era só alguma piada do universo que eu descobriria só quando estivéssemos levando a pior? Quase ri com a ideia de ver os Gardes, tão confiantes de seus superpoderes, descobrindo que o inimigo pode privá-los de suas habilidades com pouco mais que um aceno da mão.

— E quanto a Ethan? — pergunto outra vez.

Setrákus Ra começa a andar pela sala. Minha cadeira se vira de forma que sempre estou de frente para ele, que deve estar usando alguma habilidade telecinética para movê-la. Começo a me perguntar que outros poderes nosso Adorado Líder deve possuir. Será que há limites para o que ele pode fazer? Ele conquistou planetas. Meus Legados, embora poderosos, não devem ser nada comparados à extensão de seus talentos.

Ele anda lentamente. Fico em silêncio. Por fim, ele para em frente a um computador. Aperta alguns botões, e o rosto de Ethan aparece em uma das telas. Setrákus Ra se vira para mim com a cara fechada.

— Ethan ainda está vivo — diz ele, e sinto uma onda de alívio.

— Que bom — respondo.

— É mesmo? — pergunta Setrákus Ra. — Dois dos Gardes escaparam, e Ethan está vivo. Perdemos bens valiosos, e nossos

inimigos ganharam Nove, uma arma poderosa. Não considero isso uma vitória. E você?

Hesito. Não tinha de fato processado tudo o que aconteceu ou as repercussões de minhas ações. Sei que fiz uma escolha fundamentalmente errada quando salvei Ethan — estou com os mogs há tempo suficiente para saber disso. Mas essa é a primeira vez que preciso pensar em quão importante é a posição de Ethan entre os mogs. Balanço a cabeça.

— Sinto muito. Eu sei. Foi uma escolha estúpida. Talvez eu tivesse conseguido capturar Quatro e Nove se tivesse deixado Ethan para trás.

— E por que não fez isso?

Mal tive tempo de pensar sobre isso, quanto mais de elaborar alguma resposta convincente para Setrákus Ra.

— Eu não sei. Quer dizer, Ethan sempre esteve ao meu lado.

— Ethan faz o que é mandado — responde Setrákus Ra, apoiando-se na bengala. — Sinto muito que você tenha que descobrir isso desta forma, mas toda a bondade de Ethan, e seu papel como mentor, vêm de mim. Ele estava seguindo ordens, agindo como meu representante, pois eu não podia estar pessoalmente ao seu lado. Entende isso?

Assinto. Ele continua:

— Apesar de ter sido mantido prisioneiro nesta base, a verdadeira identidade de Nove era conhecida por poucos. Apenas por oficiais e alguns dos nossos melhores cientistas.

— Então como os Gardes sabiam que Nove estava aqui? — pergunto.

— Não sabemos — responde Setrákus Ra. Ele estreita um pouco os olhos, e seu rosto fica sério. — A resposta mais óbvia seria que alguém dentro do complexo contou a eles. Alguém que tinha acesso a esse tipo de informação confidencial.

Começo a balançar a cabeça no mesmo instante. Entendo aonde ele quer chegar.

— Não fui eu — digo. As palavras começam a jorrar: — Eu nunca faria isso. Sei que, tecnicamente, sou um dos loriens, mas nunca tive qualquer tipo de comunicação com os outros. Até estava tentando ajudar a rastreá-los para o senhor! Verifique meu quarto! Verifique todas as fitas das câmeras de segurança e todos os aparelhos eletrônicos que tenho! Eu não teria sequer como saber *como* entrar em contato com eles, muito menos...

— Relaxe, Cinco — interrompe ele, e sua voz não deixa espaço para argumentos ou outros comentários. — Não estou sugerindo que foi *você*.

Ele se demora na última palavra, olhando para mim.

— Você acha que foi Ethan — concluo.

— Os humanos são uma espécie traiçoeira.

— Posso perguntar a ele — sugiro. — Ele vai me dizer. Onde ele está?

— Mas será que ele diria a verdade? — questiona nosso Adorado Líder. — Os mogadorianos sempre foram sinceros com você, Cinco. Mas Ethan o enganou por um ano. Queríamos acolhê-lo imediatamente, mas ele nos convenceu de que você não estava pronto. Que não era esperto o bastante para ouvir a voz da razão. Queríamos que você passasse a atuar mais ativamente na conquista deste planeta, mas ele sempre dizia que você precisava de mais tempo.

Lembro-me do dia em que estive com Emma no ar. De Ethan dizendo: “Ele não está pronto.”

Balanço a cabeça outra vez.

— Mas vimos as imagens do circuito interno de segurança durante os ataques — continua ele. — Vi como você é um bom líder. *Sei* que você está pronto para seguir em frente. Acho que é hora de você receber uma missão, não acha?

— Sim — respondo, sem hesitação. — O que posso fazer?

— Você tem conhecimento dos krauls que mantemos nos viveiros, não tem? — pergunta Setrákus Ra. — Ou melhor,

mantínhamos. Muitos foram mortos no ataque, e outros ainda vagam pelos túneis do complexo.

— Sei.

— Quando um kraul é machucado, sabe o que acontece com ele?

Balanço a cabeça. Nunca pensei muito a respeito daquelas pequenas criaturas nojentas, apenas me mantive longe delas. Os túneis que levam aos viveiros têm um cheiro horrível.

— Ele é devorado pelo restante do bando. É um instinto evolucionário muito simples, que ajudou a espécie a se manter viva por muitos anos. Muitas criaturas aqui da Terra fazem o mesmo, tanto literal quanto metaforicamente. Um animal ferido no bando é um ponto vulnerável, uma fenda na armadura. Isso é ainda mais verdadeiro no que diz respeito às espécies mais desenvolvidas. Aquelas que conseguem pensar e agir com inteligência. As que têm informações que podem ser exploradas quando estão fragilizadas.

Tento convencer a mim mesmo que ele não está prestes a propor o que acho que vai, mas não consigo. Meu Cêpan pode até ter me criado para ser um mentiroso, mas não sou *tão bom* assim.

— O senhor vai matar Ethan, não vai? — sussurro e, assim que faço a pergunta, desejo não tê-la feito. É como se, ao ter perguntado, tivesse plantado a ideia na cabeça dele. Mesmo sabendo que não é o caso.

— Eu não — responde Setrákus Ra. — Você vai.

Paro de respirar e tento absorver o que ele acabou de dizer. Meus dedos apertam o descanso de braço da cadeira de metal e me transformo em aço frio — minha Externa está fora de controle.

Não dura muito. Setrákus Ra balança a mão na minha direção, e logo volto a ser de carne e osso.

O poder dele é aterrador.

— Você precisa provar sua lealdade aos mogadorianos com uma oferta de sangue. Sabe disso desde seu primeiro dia entre nós. E isso não mudou.

Sinto-me enjoado, mas tento acalmar meu estômago o melhor que posso apenas com força de vontade. A última coisa de que preciso é mostrar fraqueza na frente dele.

— Você quer subir ao poder, não quer, Cinco? — pergunta ele.

— É claro que quero — respondo.

E é verdade. Já fui longe demais. Não posso voltar a me esconder. E, agora que vi a extensão das forças mogadorianas, sei que os Gardes não têm qualquer chance contra eles. Nove e Quatro podem ter aniquilado um monte de nossos soldados aqui, mas isso não é nada. É uma fagulha do poderio mogadoriano.

— Você tem estudado o Grande Livro — diz meu Adorado Líder. — O que ele diz sobre qualquer um suspeito de traição?

— Que deve ser destruído — respondo automaticamente. Tento voltar atrás. — Mas não acho que ele tenha feito isso.

— Pode afirmar com cem por cento de certeza? Apostaria sua vida nisso?

Então percebo que não tenho certeza.

— Não — murmuro.

— Ethan é um problema para você. Ele é uma fraqueza que os Gardes podem explorar. E eles *vão* fazer isso. Pode ter certeza. Você prefere que ele tenha uma morte nobre, pelas suas mãos, ou que caia nas garras dos Gardes? Quem sabe o que eles podem fazer com ele? Você viu o tipo de monstro que Nove é. Você realmente quer que isso aconteça com Ethan?

— Não, é claro que não — respondo.

Minha mente está confusa enquanto tento processar tudo o que Setrákus Ra está dizendo. Faz sentido. Cada argumento está de acordo com as coisas que andei estudando, que o próprio Ethan tem me ensinado. Mas gostaria que houvesse outro jeito.

Olho para ele. Ele está me encarando com aqueles olhos julgadores, como se soubesse que uma grande parte de mim não quer fazer mal a Ethan, meu único amigo. Mas, até aí, não sei nem

se ele é *mesmo* meu amigo. Talvez apenas tenha seguido ordens. E se ele teve qualquer coisa a ver com o ataque...

— Você sabe o que eu planejava fazer na cerimônia, antes dos Gardes destruírem grande parte de nossas forças? — pergunta Setrákus Ra.

— Você iria me promover a oficial — respondo.

— Por assim dizer. — Os lábios dele se abrem mais um pouco quando ele nota minha confusão. — Deltoch lhe ofereceu a América do Norte, seu amado Canadá, logo que você tomou a decisão de ouvir à voz da razão e se juntar a nós. Mas li os relatórios a seu respeito. Vi você crescer de longe. Quando este planeta cair, quero poder contar com você para governar sob minha orientação. Eu iria nomeá-lo meu braço direito, Cinco. Meu discípulo.

— Você quer que eu governe a seu lado? — pergunto. Minha mente está em turbilhão.

— No momento que completar essa missão, você se tornará a segunda pessoa mais poderosa deste planeta. Não há necessidade de cerimônias, apenas de ação. — Ele caminha para perto de mim, passando por trás da cadeira e colocando a mão em meu ombro. — Ethan é um peso, Cinco. É preciso se livrar dele para ascender.

E é exatamente isso, de verdade. Eu tenho um potencial infinito. Governarei ao lado de nosso Adorado Líder. Finalmente poderei voltar ao Canadá, um lugar do qual gostei muito quando era mais novo — só que, desta vez, não estarei com medo. Serei aquele que todos amam e respeitam. Ou temem. Mas, para que isso aconteça, preciso fazer uma coisa. Uma coisinha.

Preciso.

— Eu concordo, meu Adorado Líder — digo, mas, no fundo da mente, me pergunto se consigo encontrar outra solução. Como fiz com Emma. Só preciso de tempo para pensar.

Setrákus Ra sorri.

— Você tem quarenta e oito horas — diz ele. — Já que não temos certeza da verdadeira lealdade dele, nós o levamos de volta

para o esconderijo em Miami. Você deve saber onde é, já que viveu lá por um ano. Temos o lugar sob vigilância. Você não deve encontrar resistência. E, se não puder matá-lo, não é mais do que outro kraul ferido.

Não é difícil entender o que ele quer dizer. Se falhar, eu serei o problema. Acabarei em uma cela, como Nove. Ou pior. Eles vão matar Ethan de qualquer jeito, e provavelmente na minha frente. Ou vão prolongar a morte dele, fazendo-o sangrar bem devagar para me mostrar meus erros.

Mas não sou fraco. Não sou o problema. Sou alguém com potencial e poder infinitos.

Sou o futuro governante deste planeta.

E, por mais que deva muito a Ethan, nosso Adorado Líder me convenceu. Não há mais lugar para Ethan aqui. O melhor que posso fazer por ele é ter certeza de que sua morte será rápida e indolor.

— Vou preparar uma nave para você — anuncia Setrákus Ra.

Ele anda até a frente da cadeira e me estende a mão. Aceito, e ele me puxa para que eu fique de pé.

— Não precisa — respondo. — Consigo chegar lá sozinho.

CAPÍTULO OITO

A distância entre West Virginia e meu destino, em Miami, é de quase dois mil quilômetros. Eu poderia pegar um avião ou uma nave — e, na verdade, mal posso esperar para ver que tipo de naves e transportes de guerra os mogs possuem que ainda desconheço —, mas decido ir sozinho. Usando meu Legado. Em parte porque sei que voar uma distância longa como esta será um bom treino, em parte porque preciso clarear a mente e focar na minha missão, e sei que não conseguirei fazer isso com outras pessoas ao redor.

Além disso, vivo com milhares de outras pessoas no complexo há alguns meses. Sob constante vigilância. Seria bom passar um tempo sozinho.

Setrákus Ra concorda em me deixar ir sem uma escolta e nem mesmo pede para que eu use um rastreador ou comunicador. Em vez disso, me deseja boa sorte e manda um dos cientistas me dar uma espécie de traje leve que se adequa ao meu corpo como uma segunda pele. Uso por baixo das roupas normais, para me proteger do ar frio nas altitudes elevadas. Não tenho certeza do que vai acontecer, então enfio a Arca Lórica em uma mochila e a prendo nas costas. Não quero deixá-la para trás.

E então decolo.

Voo acima das nuvens, para que ninguém no chão consiga me ver e para evitar que os insetos se choquem no meu rosto o tempo todo. Volta e meia vejo alguns aviões, mas só desvio para o lado e aumento a distância entre nós. Tirando isso, somos só eu e o céu. E meus pensamentos.

Tenho quase dois mil quilômetros para me convencer a matar Ethan. Porque, por mais que eu tenha parecido disposto a fazê-lo diante do meu Adorado Líder, uma grande parte de mim ainda precisa ser convencida.

Fico repetindo mentalmente a conversa com Setrákus Ra enquanto tento lembrar a mim mesmo, o tempo todo, que preciso ir para Miami — não posso simplesmente mudar de curso e ir para o Centro-Oeste ou seguir rumo ao norte até o Canadá. *Quero* ser o braço direito do nosso líder. Quero governar. Não quero voltar a me esconder, sem nunca me sentir seguro, sem poder exibir meu poder. Ainda mais agora, que o feitiço parece ter sido quebrado.

Sou mortal. Posso ser ferido e morto. Mesmo que eu quisesse trair os mogs, eles nunca me deixariam viver.

A rota que tomo para Miami é similar à que segui com Rey pela Trilha dos Apalaches quando era mais novo, logo que a tosse dele começou a piorar e fomos pulando de estado a estado até as ilhas. Eu não teria percebido isso se Ethan não tivesse me mostrado nossa jornada no mapa. Mas quando segui esse caminho, ainda criança, nos movíamos bem devagar, e eu passei o tempo todo com medo de que os mogs fossem aparecer de repente e me levar embora. É quase engraçado olhar para esse caminho de onde estou agora, voando como um jato, e não fugindo dos mogs, mas trabalhando para eles.

Penso em Rey a sério pela primeira vez em semanas. Aquela parte da minha vida já parece tão distante, como se fosse um sonho estranho do qual eu tivesse acordado de repente. Eu me pergunto o que ele diria se soubesse o que estou fazendo. Não que Rey não fosse um assassino. Penso em todos os animais que ele matou para podermos comer e sobreviver na ilha, ou mesmo as cobras que decapitou só para garantir que não nos atacariam. E percebo, pela primeira vez, que Rey matou outras coisas também. Pessoas. Mogadorianos. Quando os mogs vieram atrás de mim no Canadá — enquanto eu me escondia em uma árvore, com medo de que o

bicho-papão de quem Rey sempre falava tivesse vindo me buscar —, ele os matou. Transformou-os em cinzas bem diante de meus olhos. E não pensei nisso como algo ruim, porque ele sempre dizia que eram maus. Ele os matou sem hesitação, porque pensou que eram uma ameaça.

É mais ou menos o que estou fazendo, não é? Talvez Rey conseguisse entender muito bem a minha missão. Eu me pergunto se ele não teria até mesmo ouvido a voz da razão, se não tivesse ficado doente, se tivesse de fato *conversado* com os mogs, em vez de acatar cegamente as ordens dos lorienos de destruí-los.

Paro em algum lugar na Geórgia para descansar e reabastecer as energias com alguns hambúrgueres. Os mogs me deram um monte de dinheiro para usar caso precisasse de um lugar para ficar durante a noite, mas minha adrenalina está a toda. Então decolo outra vez.

Preciso me concentrar.

Como é que vou fazer o que é necessário?

Acho que o modo mais fácil seria usar minha telecinesia. Eu poderia apenas quebrar o pescoço de Ethan assim que o visse. Nós nem precisaríamos conversar. Ele nunca esperaria por isso. Ou poderia enviá-lo pelos ares e afogá-lo no mar. Ou poderia usar minha Externa para virar uma lâmina ambulante. Percebo que há um milhão de maneiras diferentes para isso acontecer — milhares de formas de matar — e me pergunto como vou escolher o fim perfeito, que seja humano, indolor e honrado. Como é que vou fazer isso?

Eu me pergunto se Ethan estava mesmo envolvido no ataque à base. Não quero acreditar nisso, mas sei que é uma possibilidade. E acho que é tudo o que importa. Aquele lampejo de dúvida precisa ser eliminado. Assim como o restante dos inimigos dos mogadorianos. Como está escrito no Grande Livro.

Não é como se fosse minha decisão. Setrákus Ra determinou o destino de Ethan. Ele vai morrer, não importa se sou eu quem vai matá-lo ou não. Se eu não fizer isso, quem vai fazer? Será que eles

vão jogá-lo em uma cela por algum tempo? Vão torturá-lo? Não quero que ele tenha que passar por isso.

Estou fazendo a coisa certa.

É quase meia-noite quando chego à casa de praia, e a essa altura já estou completamente exausto. O lugar é tão agradável quanto me lembro. Quanto tempo já se passou desde que o vi pela primeira vez? Um ano e meio? Dois? Acho que passei um bom tempo aqui sem me preocupar em contar os dias. Mas ver a casa de novo, pela primeira vez em meses, faz meu estômago se revirar. É uma sensação estranha, não estou acostumado a ela.

É como voltar para casa.

Voo por cima do portão principal e digo a mim mesmo que não é tarde demais. Posso dar meia-volta e partir. Mas, mesmo enquanto penso isso, meus pés tocam o chão, e meu dedo, a campainha, e há outra voz na minha cabeça que diz: "Esse é o único jeito, e, quando estiver acabado, você vai governar este lugar."

Uma mulher abre a porta — uma empregada de quem eu não me lembro, mas que deve me conhecer, porque leva um susto ao me ver e desaparece lá dentro. Há uma pequena comoção na sala, e Ethan aparece.

Ele mudou muito durante o breve período que fiquei sem vê-lo.

O braço direito foi amputado logo acima do cotovelo e está envolto em algodão branco. Tem uma bandagem no lado direito do rosto. E uma mancha escura, que parece prestes a sangrar, do outro lado. Sabia que o olho dele estava ruim, mas parece que a lava verde corroeu metade do seu rosto. Quando ele me vê e tenta sorrir, acaba fazendo uma careta de dor, e imagino as feridas mais grotescas possíveis sob todos aqueles curativos.

Anda, penso. Agora é a hora. Acabe logo com isso, acabe com tudo agora mesmo.

Mas ele começa a falar. E não consigo.

— Sei que não sou uma visão muito agradável — diz ele.

— Só estou feliz por você estar vivo — respondo.

Enquanto as palavras saem da minha boca, percebo o quão ridículas elas são, mas não consigo evitar. É como se minha mente tivesse entrado no automático e me fizesse dizer coisas que sei que uma pessoa normal diria. Estou apenas fingindo. Apenas mentindo.

— Estava preocupado, eu não me lembro de muita coisa do que aconteceu. Quando acordei, estava em um helicóptero mogadoriano. Eles me deram alguma coisa para neutralizar os efeitos daquela gosma verde, mas... — Ele levanta o que restou do braço direito. — Por mais avançada que seja a medicina deles, o dano já tinha sido feito. Mas me disseram que você estava bem. Que me salvou de cair no lago verde.

Concordo com a cabeça.

— Mas os invasores escaparam, não foi? — pergunta ele.

— É. Escaparam.

Ethan dá uma risadinha e balança a cabeça, mas eu não acho nada disso engraçado. Então o rosto dele fica bem sério por um momento.

— É uma pena — diz ele com a voz mais sombria que já ouvi.

Só concordo com a cabeça. Ele estreita o olho saudável enquanto me analisa.

— Tem insetos esmagados nos seus ombros e seu cabelo está todo despenteado. Não me diga que veio voando até aqui.

— Foi um bom treinamento — respondo.

— Meu Deus. Quem o forçou a fazer isso?

— Ninguém. Eu que dei a ideia.

Ethan assente levemente com a cabeça.

— Você superou todos os seus professores — diz ele baixinho.

— A fase final da minha missão está prestes a começar — continuo. — Tenho cerca de quarenta e oito horas e depois precisarei voltar. Bem, menos agora. Mais ou menos um dia.

As palavras continuam saindo, porque parte de mim quer ganhar tempo. Talvez seja porque sei que, assim que eu terminar minha missão, tudo vai acontecer muito depressa. E, por mais que esteja

pronto para assumir meu lugar ao lado do nosso Adorado Líder, quero aproveitar meus últimos momentos de calma antes da tempestade.

Ou talvez — o que é mais provável — seja porque Ethan é mesmo a minha fraqueza. E vê-lo aqui, na casa onde ele me acolheu e treinou, seja demais, e não consigo cumprir o meu dever. Não ainda.

— Você parece cansado. — Ethan dá o melhor sorriso que consegue, por baixo do curativo. — Seu antigo quarto está vago. Que tal contarmos as novidades no café da manhã? Tenho certeza de que muita coisa aconteceu desde o ataque. Você vai ficar aqui, não vai?

— Vou — respondo. — Só por uma noite. Só vim para me despedir.

CAPÍTULO NOVE

Mesmo dominado por toda a nostalgia de estar de volta ao meu antigo quarto, apago no momento em que minha cabeça encosta no travesseiro, sem nem tirar as roupas de viagem. Apesar de eu me sair bem, voar suga toda a minha energia. Durmo, mas não um sono profundo e restaurador. Acordo várias vezes durante a noite suando frio até que, finalmente, na última vez, desisto e saio da cama de vez.

Está escuro lá fora, mas há um pouquinho de luz começando a surgir na praia. No armário do quarto, encontro minhas roupas antigas. Visto uma camisa e um casaco leve com capuz um pouco grande. Não quero acordar as pessoas da casa — muito menos Ethan, com quem teria que jogar conversa fora —, então abro a janela do quarto e saio por ali mesmo, levando minha arca comigo. Na verdade, só preciso de uma coisa dela, mas examinar o conteúdo da arca sempre me ajuda a ficar calmo quando preciso me concentrar. Na praia, tiro os sapatos e enrolo a batinha da calça. O ar vindo do oceano está levemente frio. Sinto os grãos gelados passarem entre meus dedos quando enfio os pés na areia.

Faz tempo demais desde a última vez que enfiei os pés na areia.

O nascer do sol da Flórida é diferente do de West Virginia. Ou talvez seja só porque passei tanto tempo no subsolo que minha pele não está mais acostumada a ele. Jogo a arca na areia a meu lado e a abro, remexendo seu conteúdo. Encontro o que estava procurando. Então deixo meus dedos vasculharem os outros itens, até que pego o arquivo sobre Nove que Deltoch me deu há algum tempo. As anotações estão desgastadas e rasgando nas partes em

que dobrei e desdobrei inúmeras vezes. Leio-as para lembrar a mim mesmo que os mogs reconhecem o meu valor, ao contrário da Garde. Que meu futuro é como comandante, não como servo de um monte de velhos lorienos mortos que me mandaram para a Terra com uma missão impossível.

Leio as anotações para levantar o moral. Para fazer meu sangue correr mais rápido, fazer minha raiva arder. Para me preparar para o que estou prestes a fazer. O que *tenho* que fazer. Só essa coisinha, e então o mundo será meu. Todo o poder que eu possa desejar.

Em algum lugar à minha esquerda, as gaivotas começam a fazer alarde. Passei a maior parte da vida em uma ilha deserta. Desejando estar onde as coisas aconteciam, no meio de tudo. Em cidades. Em batalhas. Mas, sentado aqui agora, por um momento eu meio que desejo poder desaparecer e voltar a ser um pontinho anônimo no mapa. Não para sempre, só por um ou dois dias. Por mais que odiasse a ilha, havia certa paz no fato de não ter ninguém por perto nem nada para fazer.

Mas Ethan aparece e o momento passa.

— Bom dia — diz ele.

— Oi — respondo, puxando as mangas do casaco até cobrirem minhas mãos. — Você acordou cedo.

— Queria ver o nascer do sol — responde ele, olhando para o horizonte. — Não via um faz um tempo. É mais bonito do que me lembro.

A bandagem em seu rosto parece recente. A manga direita de sua camisa de botão branquíssima está dobrada até o cotovelo. Ele percebe que estou olhando e meio que dá de ombros.

O vento fica mais forte e arranca os papéis da minha mão. Por instinto, me levanto com um pulo e saio correndo atrás deles pela praia, até que paro e me concentro nas páginas espalhadas, puxando-as de volta pra mim com a telecinesia. Mesmo depois de ter o arquivo completo nas mãos, permaneço de costas para Ethan. Penso em tudo o que ele fez por mim no último ano. Não consigo

evitar, mesmo que seja a última coisa em que quero pensar. Ele me ajudou a entender meus Legados. Ele me treinou, me alimentou. Agiu como o Cêpan que eu sempre quis ter. Como um amigo.

Mas, bem, aquilo fazia parte do seu trabalho.

Ouço um clique, e, quando me viro, vejo a arca fechada. Ethan está parado ao lado dela.

— Não queria que entrasse areia em alguma dessas relíquias lóricas tão importantes.

Concordo com a cabeça.

Ele abre o sorriso mais largo que consegue. Aquele sorriso que sempre deixa estampado no rosto.

Por um momento, me pergunto se há outra saída. Talvez eu pudesse entregar o corpo de outra pessoa para os mogs e fingir que é de Ethan? Mas eles saberiam, não é? Eles sem dúvidas devem estar nos observando agora. Além disso, onde eu conseguiria outro corpo?

Preciso pensar no meu futuro. Pensar no que vai acontecer se eu não fizer isso.

— Como está se sentindo? — pergunta ele. — Feliz por ter saído um pouquinho do complexo? Você está prestes a começar uma nova vida.

— É mesmo — respondo, tentando parecer animado. — Mal posso esperar.

Fico em silêncio por um tempo. Percebo que ele não perguntou o que vou fazer, agora que Nove escapou e meu rito de passagem não aconteceu, nem perguntou como os mogs vão responder ao ataque. Ele nem mesmo perguntou sobre o ataque ao complexo. Ou se me encontrei com Setrákus Ra.

— Está com fome? — pergunta ele.

— Não muito.

Lembro-me da primeira vez que conversamos a sós, em uma mesa enorme cheia de comida. Fiquei me entupindo de pratos chiques enquanto ele falava sobre como eu estava fazendo um bom

trabalho como batedor de carteiras. Ele me disse que eu o fazia se lembrar do irmão, que fora um ladrão de rua como eu, mas que não tinha sobrevivido. Ao contrário dele, porém, eu tinha um potencial enorme e habilidades incríveis. E, embora eu tivesse me sentido mal por Ethan, tinha me sentido muito bem comigo mesmo. *Conosco*. Como se tivéssemos alguma conexão natural. Então, naquela mesma conversa, quando ele me chamou de “o futuro”, eu prestei bastante atenção.

Percebi que toda aquela história sobre o passado dele devia ser mentira.

— O que aconteceu com seu irmão? — pergunto.

Ethan parece confuso.

— Que irmão?

E é tudo o que preciso ouvir. Tudo de que preciso para me lembrar de como Ethan me manipulou, como Setrákus Ra disse. Desde o princípio, ele me contou mentiras para ganhar minha confiança e me usar. Cada palavra que ele falou para mim precisa ser reexaminada, verificada.

Ethan não é meu amigo. É apenas um humano que queria ficar no lado vencedor da guerra. Ele é a minha fraqueza. A coisa que necessita ser extirpada. O inimigo insignificante que precisa ser eliminado para não contaminar os outros.

Observo Ethan tentar entender por que fiz aquela pergunta. E de repente seu rosto se desfaz em um sorriso triste.

— Ah — diz ele. Isso é tudo.

Caminho até Ethan, meus pés descalços afundando na areia a cada passo. Ele está sorrindo para mim, mas não é o sorriso de sempre que está estampado em seu rosto. De alguma forma, esse parece mais autêntico.

Quando estou quase chegando, ele abre os braços.

— Você vai ser um ótimo líder — diz ele. — Estou tão orgulhoso de você, Cinco.

Abraço Ethan. Os braços dele me envolvem, e ele me dá tapinhas nas costas. Solta um longo suspiro e faz menção de dizer alguma coisa. Eu o interrompo antes que as palavras possam sair. Não suportaria ouvi-lo dizer qualquer outra coisa.

— Ethan, eu sinto muito. Mas vai ser melhor assim.

Consigo sentir seu corpo se enrijecer quando a lâmina desliza para fora da manopla em meu braço e perfura suas costas. Ela passa entre as costelas — um golpe de sorte —, então se recolhe. Acaba em um segundo. Dou um passo para trás. Ele fica parado, congelado, provavelmente em choque. Uma grande mancha vermelha começa a surgir no lado direito do peito, onde a lâmina deve ter cortado a carne. O sangue pinga da lâmina escondida e escorre por minha mão direita e meus dedos antes de pingar na areia.

— Acabou — murmuro, mais para mim do que para Ethan.

Ele não deve estar prestando muita atenção no que digo. Lágrimas se acumulam em seu olho bom, mas não sei se ele está chorando por mim ou por si mesmo.

Ethan pisca uma vez e cai na praia com um baque suave.

Gostaria que ele fosse um mog. Se ele fosse um mog, pelo menos o corpo se transformaria em cinzas e desapareceria.

Mas essa vai ser a *última* coisa que vou desejar. De agora em diante, terei tudo o que quiser. Vou tomar o que quiser. Porque ofereci um sacrifício aos mogadorianos, e agora irei governá-los. E aos humanos. Isso foi necessário. Tinha que ser feito.

Penso nisso enquanto entro no mar e lavo o sangue de Ethan de minhas mãos.

Em algum lugar atrás de mim, ouço o som de um helicóptero se aproximando. Os mogs, é claro, estavam assistindo a tudo.

CAPÍTULO DEZ

Eu sou o Número Cinco, o braço direito de Setrákus Ra.

O Comandante Deltoch está no helicóptero, que pousou ao lado da casa da praia. Está com a cara fechada habitual, mas bate continência quando me aproximo — algo que nunca tinha feito antes. Agora que completei minha missão, tecnicamente sou seu superior. Devia ficar feliz, mas em vez disso me sinto atordoado. Deve ser melhor assim. Ninguém respeita um superior sorridente.

Eu me pergunto se minha expressão se parece com a de Deltoch. Será que ele também teve que provar seu valor para virar comandante?

Vamos de helicóptero até a base nos Everglades, que os mogs arranjaram para eu usar como quiser até decidir onde quero situar minha Central de Comando. Deltoch me conta que nosso Adorado Líder gostaria de ter vindo pessoalmente, mas está ocupado interrogando o humano capturado quando Quatro atacou a base, só para o caso de ele ter alguma informação que ainda possa ser útil. Depois de me parabenizar pela promoção, Deltoch me entrega um uniforme de oficial mogadoriano.

Agora sou oficialmente um deles.

Durante as semanas seguintes, eu me divido entre os relatórios sobre a expansão mogadoriana e visitas às bases mogs em outras partes do país, assim como na América Central e na do Sul. Deltoch me acompanha sempre. Parece que ele ficará comigo por um tempo, me ensinando como comandar e governar as forças mogadorianas, me orientando. Em cada base, sou apresentado como o oficial de mais alto escalão do império, abaixo apenas de nosso Adorado Líder.

Fico diante de milhares de mogs, que batem continência e gritam meu nome — prontos para lutar por mim, me defender ou morrer por mim, se for o que eu desejar.

Mal posso ouvir meus pensamentos com toda a gritaria. Estou no comando, agora. Logo, o mundo inteiro vai me conhecer como seu superior.

E os Gardes também vão me conhecer.

Não tenho mais muito tempo livre e, quando tenho, costumo gastá-lo relembrando os fatos que já estão gravados no meu cérebro — oficialmente, posso ser o discípulo de Setrákus Ra, mas isso só me faz ter ainda mais vontade de impressioná-lo. Além disso, ler os arquivos da Garde e os relatórios das bases ao redor do mundo me deixa tão ocupado com estratégias e táticas que não tenho tempo de pensar em Ethan, no que aconteceu com seu corpo ou na mancha de sangue que apareceu na frente de sua camisa quando me afastei dele na praia.

Não posso me permitir pensar nele. Não posso ter fraquezas.

Acreditamos que Seis e Quatro têm trabalhado juntos. Então, quando nossas forças na Espanha relatam que Seis os atacou e levou outro possível Garde sob sua proteção, temos que presumir que foi Sete ou Oito. Isso deixa apenas o paradeiro de um dos Gardes desconhecido, embora também seja possível que Quatro e os outros já o tenham encontrado e conseguiram mantê-lo escondido de nós. Não fico surpreso por eles terem se reunido. Sempre tive um receio: que eles comesçassem a trabalhar em grupo, sem mim. Eu me pergunto se eles finalmente foram até o Caribe e encontraram minha cabana.

Não importa. Não tenho mais medos.

Só depois que algo acontece a uma de nossas bases no sudoeste que Setrákus Ra me revela seu plano.

É hora de conhecer os outros lorientos. Vou me infiltrar no grupo deles e descobrir seus segredos. Então vou manipular todos para que, quando os mogs aparecerem, eles estejam vulneráveis e sejam

pegos de surpresa. Quem for esperto se juntará a nós e viverá no paraíso. Os que forem burros o bastante para dar as costas à razão vão morrer. Dividir e conquistar. Uma estratégia simples e milenar, como mostram os livros de guerra que estudei.

A única parte do plano que nosso Adorado Líder ainda não definiu é como vou conseguir fazer os Gardes se separarem. Mas pensei em um ótimo plano. Minha arca. Ela contém itens poderosos — mesmo que eu não saiba como usá-los. Nossas arcas são importantes para o futuro de Lorien. Então, se eu disser que a minha está em algum outro lugar, cheia de artigos úteis — que precisei escondê-la, ou a tirariam de mim —, talvez consiga que alguns deles me acompanhem em uma missão para recuperá-la.

Talvez eu consiga fazer Nove ir comigo, então vou mostrar que não sou mais fraco que ele em nenhum sentido.

E é por isso que agora me encontro pairando sobre a vegetação densa e as águas agitadas dos Everglades, tarde da noite, procurando pelo lugar isolado perfeito para esconder minha arca e depois atrair os Gardes. Longe o suficiente para eles não descobrirem a base mogadoriana, mas perto o bastante para eu conseguir chamar reforços, se necessário. Caso eles me ignorem quando eu tentar fazê-los ouvir a voz da razão.

Quero levar o tempo que for preciso para ter certeza de que encontrei um lugar onde conseguirei recuperá-la sem dificuldade, então deixo meu destacamento de segurança e as tropas sobressalentes para trás. Vou sozinho enterrar minha arca.

Depois de voar em círculos no escuro por quase uma hora, escolho uma ilhazinha lamacenta e remota, mas que pode ser alcançada por barco sem grandes dificuldades. Uma única árvore gigantesca cresce bem no centro dela. As raízes retorcidas saem do chão em vários pontos da ilha e nos bancos de areia ao redor. É um pouco assustadora, e é muito fácil de ver de cima.

Gosto dela.

Pouso e me alongo um pouco antes de começar a trabalhar. Percebo um movimento com o canto do olho. Eu me viro, estendendo a mão, pronto para atacar com telecinesia quem quer que tenha cruzado meu caminho. Mas é apenas um jacaré, nadando com a cabeça parcialmente visível, os olhos negros me observando — o verdadeiro invasor deste lugar.

Paro para pensar que pode ser que a arca precise de um guardião enquanto estou longe. Eu me pergunto se por acaso tem algum piken que eu poderia mandar para cá para protegê-la. Ora, ouvi que até os cientistas mogs de outras bases estavam fazendo experimentos com criaturas da Terra e de Lorien. Talvez eles possam aparecer com algum tipo de sentinela completamente novo, para montar guarda aqui. Talvez eu possa até criar minha própria criatura.

Com alguns golpes de telecinesia, crio um buraco grande na lama macia da ilha. Abro a arca para dar uma última olhada no conteúdo e fazer um inventário mental. Fico com a lâmina, que está no meu braço, onde parece ser seu lugar. Um perigo oculto, impossível de ser detectado da superfície.

E então eu vejo. Alguma coisa nova e pequena enfiada debaixo de todos os outros itens da arca. Um pedaço de papel, dobrado em um pequeno retângulo e com meu nome escrito. Reconheço a caligrafia na mesma hora.

Ethan.

O fato de haver algo na minha arca que não foi colocado lá por *mim* não faz o menor sentido. Não tem como Ethan ter conseguido abri-la. A única vez que ele teve chance foi...

Lá na praia. No dia em que o matei. Com todas as visitas a bases e os relatórios, não mexi na arca desde o ocorrido.

Tento entender o significado daquilo. As palavras de Ethan ecoam em meus ouvidos. *Os mogs estão sempre observando*. Ele deve ter feito isso para ter certeza de que eu seria a única pessoa a ler o bilhete.

Outro pensamento me ocorre. Ethan já tinha me visto mexer na arca dezenas de vezes, já havia me ajudado a catalogar seu conteúdo. Com certeza teria notado que a manopla não estava lá no dia em que o matei. Que eu a estava usando.

Meu estômago se revira.

Abro o bilhete e leio.

Cinco,

Eu já devo estar morto quando você ler isso — e provavelmente pelas suas mãos. Presumindo que isso seja verdade, não vou me envergonhar pedindo que você não fique chateado com isso. Meu tempo entre os mogs já estava no fim, de qualquer forma. Você com certeza já viu o que acontece com aqueles que não têm mais utilidade. E, vamos encarar os fatos, eu já não estava mais na melhor das formas. Pelo menos, você provou sua lealdade ao me matar, então eles não vão descartá-lo tão cedo. (Por favor, não me veja como um mártir. Se houvesse qualquer chance de escapar dos mogs, eu a teria aproveitado.)

Nem sempre fui o mentor perfeito, mas me permita ensinar a você uma última lição: pense por si mesmo. Sei que isso deve parecer estranho vindo de mim, mas não tenho mais nada a perder. Você deve questionar tudo o que os mogs lhe dizem. Questione tudo o que eu já lhe disse. Tudo o que os mogs lhe contaram ou deram serve a um único propósito: mantê-lo do lado deles. Os arquivos de Nove, por exemplo. Aposto que a maior parte daquelas anotações veio da cabeça de alguém como Deltoch, não do Cêpan de Nove.

O melhor prisioneiro é aquele que nem mesmo sabe que está preso.

Lembre-se de que você é poderoso e de que suas habilidades servem apenas a um mestre: você mesmo. Fiz tudo o que podia para sobreviver neste mundo. Espero que

você faça o mesmo, mas que tenha um final melhor do que o meu. Sobrevivência é tudo, Cinco. Nunca coloque ninguém antes de si mesmo. Nem mesmo Setrákus Ra.

Faça o que for preciso para sobreviver e não se arrependa de nada.

Seu amigo,

Ethan.

P.S. Foi bom enquanto durou, não foi?

Minha respiração fica pesada e sinto como se um vazio que não deveria existir se abrisse no meu peito. Ethan sabia. Ele sabia que eu iria matá-lo e deixou acontecer.

Matei meu único amigo.

Eu o xingo. Porque ele me recrutou, virou meu amigo, fez com que eu me importasse com ele e depois me deixou matá-lo. Porque ele não está mais aqui para me guiar e provavelmente não teve nada a ver com o ataque, já que se sacrificou pela minha ascensão. E porque, se ele tivesse me contado que sabia o que estava acontecendo quando eu apareci na casa de praia, nós poderíamos ter encontrado outra solução.

Eu me pergunto se ele estava certo, naquele dia na clareira com Emma, quando disse que eu não estava pronto. Por um momento, me pergunto se estou pronto para meu novo posto, como braço direito de Setrákus.

Mas não tenho alternativa, minha maior chance de sobreviver é continuar ao lado dos mogs. Ethan sabia disso, e eu também sei. Os Gardes não podem vencê-los. Um punhado de adolescentes contra um exército — só um tolo escolheria o lado deles. E, para continuar nas boas graças dos mogs, tive que matar Ethan. Os mais fortes sobrevivem.

Então por que parece que um rolo compressor passou sobre meu peito?

A lâmina em meu braço de repente parece pesar e me apertar. Arranco-a e a jogo dentro da arca, que atiro no chão. Guardo o bilhete de Ethan no bolso. Então uso telecinesia para cobrir a arca, enchendo o buraco de areia. A cena parece familiar, e então me lembro de já ter usado meu Legado para enterrar outra coisa. Lá na ilha, quando Rey morreu. Enterrando tudo, assim como estou fazendo agora. E penso no último conselho de Rey. *Faça o que for preciso para sobreviver.*

É estranho como suas palavras foram parecidas com as de Ethan. Tudo bem, Rey devia estar querendo dizer que eu precisava sobreviver por Lorien, mas o princípio é o mesmo.

Eu me pergunto como foi que acabei com dois guardiões mortos. Fico repetindo em minha cabeça: *não é culpa minha.* Eu só estava fazendo o que Ethan queria que eu fizesse — sobreviver agradando os mogs. Se a culpa é de alguém, então é *dele.*

Não, não é de Ethan. Isso é culpa de Nove. E de Quatro. Se ele não tivesse aparecido naquela hora, eu poderia ter executado Nove conforme o planejado, e nada disso teria acontecido. Nove estaria morto, Ethan estaria vivo e Setrákus Ra teria me coroado como seu braço direito porque matei um dos loriens. Mas os Gardes tinham que vir e estragar tudo.

A foto de Nove que estava na parede do meu escritório está gravada em minha mente de tal forma que posso visualizá-la com clareza, mesmo aqui, suado, parado em cima de um buraco que acabei de tapar no meio dos Everglades. Concentro nele toda a raiva que ferve dentro de mim. Ele vai pagar pelo que me forçou a fazer. De algum jeito. De alguma forma. Os outros Gardes, espero, vão ouvir à razão, mas ele, não. E por mim, tudo bem.

Vou matá-lo.

Mexo em meu bolso e pego a bolinha de metal que Ethan me deu para praticar. Um presente. Ela é fria ao toque, e me concentro nela, tentando desligar o cérebro o máximo possível — tentando pensar em qualquer coisa que não o fato de que provavelmente

assassinei a única pessoa que estava ao meu lado. Quando meu corpo absorve as propriedades da bola, começo a me acalmar um pouco. Minha pele endurece. Sou intocável. Há algo reconfortante em se transformar em aço. Em algo frio e inquebrável.



Não tenho tempo para lamentar. Não tenho tempo para sentir pena ou arrependimento. No dia seguinte, nosso plano entra em ação.

Ele começa com uma plantação de milho.

Estou pairando acima dela. Com meus poderes telecinéticos, amasso a vegetação para formar meu símbolo lórico, aquele que está gravado na minha arca. Esvazio dois enormes barris de gasolina na vegetação aplainada. O milho está úmido por causa de uma tempestade recente, mas isso é ótimo. Indica que meu símbolo vai queimar por mais tempo, antes de o restante da plantação úmida se incendiar.

Olho ao redor. Está escuro lá fora. Não há ninguém aqui além de mim, do milho e das casas da fazenda que vão ver o fogo assim que eu o acender. Enfio a mão no bolso de meu uniforme mogadoriano preto e pego a carta que Ethan deixou pra mim, junto com as anotações dobradas sobre Nove. Não posso ficar com a carta. Não importa o conteúdo, carregar por aí um bilhete que Ethan deixou para mim seria um sinal de fraqueza, e eu não deveria ter nenhum. Fui idiota ao não ter simplesmente me livrado dela nos Everglades. Além disso, a única maneira de honrar Ethan é viver de acordo com seus ensinamentos. Então uso minha telecinese para colocar o papel no milho coberto de gasolina.

Parte de mim está inegavelmente triste por Ethan ter partido, mas percebo que, sem ele por perto, não tenho que me preocupar com a segurança de mais ninguém. E prometo a mim mesmo que nunca mais deixarei ninguém virar minha fraqueza como ele foi. Não

deixarei ninguém se aproximar muito de mim. Para que ter amigos, se posso ter tropas? Não *preciso* de ninguém.

Não tenho medo de nada.

Pego em outro bolso um sofisticado isqueiro de metal. Ele acende e cai, ao lado das anotações que deixei para trás. Logo estou pairando acima de um atestado flamejante da minha grandeza. Vai ser impossível não notar o símbolo.

Disparo pelo ar e alcanço uma nave que paira acima das nuvens, a alguns quilômetros de distância. É branca como leite e perfeitamente redonda. Uma pequena passagem se abre em um dos lados quando me aproximo — minha entrada.

Dentro da nave, permito-me relaxar por um momento. Estalo os dedos e o pulso. Penso na lâmina oculta, enterrada com a arca nos Everglades. Fui um idiota por ter ficado tão emotivo ontem. Muito idiota. Mas não cometerei o mesmo erro outra vez, a não ser que queira acabar morto. De agora em diante, nada importa além de me manter vivo, e isso quer dizer que devo deixar os mogs felizes.

Ouçõ o ribombar de um trovão do lado de fora quando entro na sala de comando da nave. Setrákus Ra está parado em frente a uma janela gigantesca, flanqueado por duas telas com textos no alfabeto mogadoriano que ficam sendo atualizados continuamente. Estou aprendendo a língua, mas não estou nem perto de ser bom o bastante para ler as telas. Os olhos de nosso Adorado Líder estão fixos no símbolo flamejante que se distancia enquanto a nave dispara pelo céu.

— Este é o começo do fim da Garde — diz ele. Sua voz está baixa e firme, sem qualquer ponta de dúvida.

Assumo meu lugar à direita dele.

— Não está nem um pouco preocupado? — pergunta Setrákus.
— De não conseguir se misturar a eles?

— Não — respondo, com sinceridade. — Posso ser um excelente mentiroso se necessário. Vai ser simples. Não contarei nenhuma

verdade. Será como uma brincadeira que costumava jogar quando era bem novo. Antes de os mogadorianos me salvarem.

— Não tenho dúvidas de que você será um excelente espião.

Ele sorri e coloca uma das mãos sobre meu ombro.

— Eles terão a mesma chance que eu, não é? — pergunto. — Vou poder tentar descobrir qual deles é inteligente o bastante para se juntar a nós?

— É claro. Você é meu braço direito, Cinco. Mas já previ que um dos Gardes será meu braço esquerdo. Você vai ajudá-la a ouvir a voz da razão.

Ajudá-la?

— E quanto a Nove? — pergunto.

Setrákus Ra sorri.

— Vou deixar você cuidar disso quando chegar a hora.

Um sorriso se abre em meu rosto. Eu me pergunto o que os Gardes estão fazendo neste exato momento. O que Nove está fazendo. Será que estão tentando descobrir o próximo passo dos mogs? Será que já perceberam como seus inimigos são poderosos?

Estão procurando por mim, companheiros lorientos?

Viro-me para o meu Líder e assinto.

— Estou pronto para conhecer o restante da minha espécie.

SOBRE O AUTOR

© Howard Huang



Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos Iorienos. Passou os últimos anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

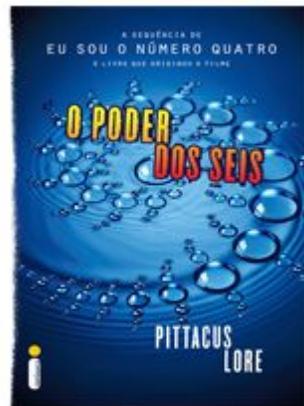
www.serieoslegadosdelorien.com.br

CONHEÇA OS LIVROS DA SÉRIE

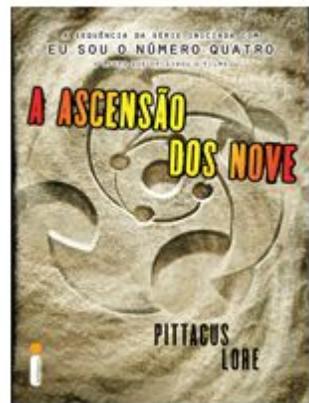
OS LEGADOS  DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro



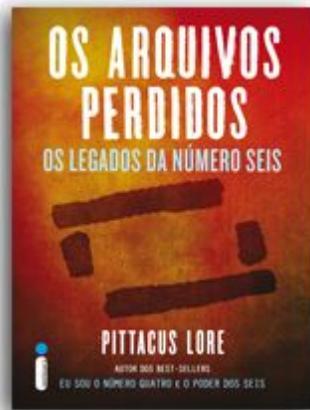
O poder dos seis



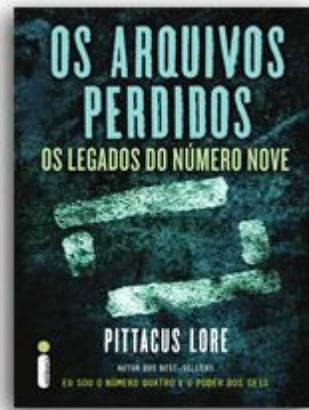
A ascensão dos nove



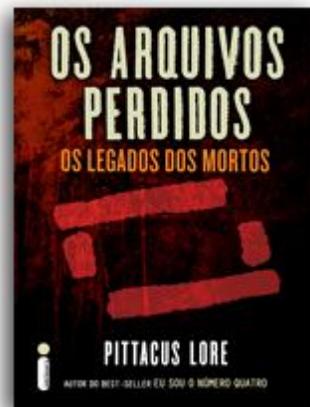
A queda dos cinco



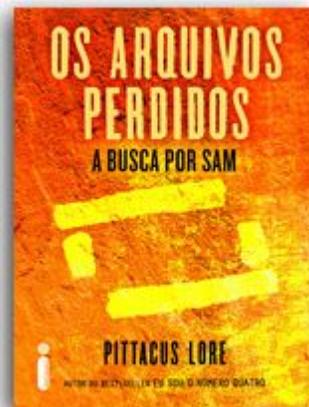
Os arquivos perdidos:
Os Legados
da Número Seis



Os arquivos perdidos:
Os Legados
do Número Nove



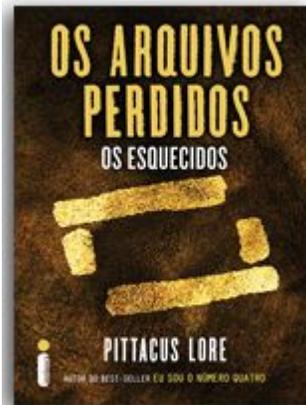
Os arquivos perdidos:
Os Legados
dos mortos



Os arquivos perdidos:
A busca
por Sam



Os arquivos perdidos:
Os últimos dias de Lorien



Os arquivos perdidos:
Os esquecidos

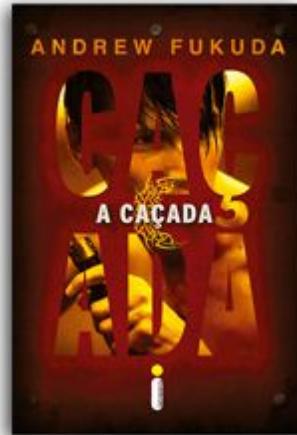


Os arquivos perdidos:
Os Legados do Número Cinco

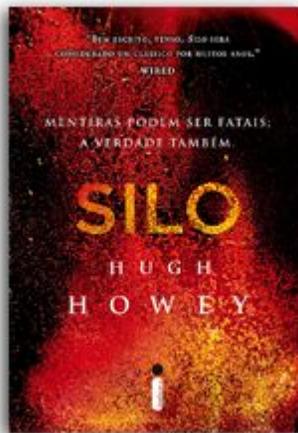


Os arquivos perdidos:
De volta a Paradise

TÍTULOS RELACIONADOS



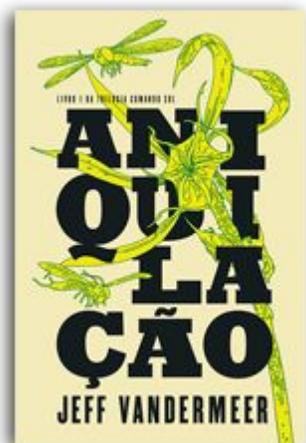
A Caçada
Andrew Fukuda



Silo
Hugh Howey



Half Bad
Sally Green



Aniquilação
Jeff Vandermeer